



Administração do Centro Espírita

Wellington Balbo e
Maurício Gonçalves de Moura



ADMINISTRAÇÃO DO CENTRO ESPÍRITA

Wellington Balbo

Maurício Gonçalves de Moura

Bauru (SP)

2013

Índice

Introdução

Quem são os Autores

1 - O dirigente espírita, os voluntários e os pedintes

2 - Administração do Centro Espírita

3 - Atividade na Casa Espírita

4 - Bebida alcoólica em evento promovido pelo Centro Espírita.

Pode isso?

5 - Caridade para com o trabalhador espírita

6 - Estranho comportamento do dirigente espírita

7 - Empowerment

8 - Dificuldade financeira do orador espírita

9 - Esclarecer o público não espírita

10 - Falar em público no Centro Espírita

11 - Flores são melhores que pedras

12 - O centro que não era espírita...

13 - Olhar o Centro Espírita de fora para dentro

14 - Planejamento estratégico do Centro Espírita

15 - Por que só romance no Clube do Livro?

16 - Portadores de necessidades especiais no Centro Espírita

17 - Produtividade no Centro Espírita

18 - Seriedade do trabalho no Centro Espírita

19 - A USE e sua tarefa

20 - A pesquisa da revista IstoÉ e a juventude espírita

21 - Maximizando o lucro do Centro Espírita

22 - Fora do Centro Espírita

23 - Um bom motivo para sair do Centro

24 - Participação em Eventos Espíritas

25 - Endomarketing no Centro Espírita

26 - Sugestão para o Evangelho no Lar

27 - Trabalho voluntário: ampliando nosso mundo e derrubando preconceitos

28 – Desafios do voluntariado no Século XXI: entendendo o propósito

29 – Desafios do voluntariado no Século XXI: o bem e o mal, qual o significado?

30 – Desafios do voluntariado no Século XXI: o homem novo para um mundo novo

31 – Desafios do voluntariado no Século XXI: satisfação e ética

32 – Desafios do voluntariado no Século XXI: comece pela família

Introdução

Esta obra aborda questões ligadas à ciência da Administração e objetiva fornecer material de reflexão para o dirigente espírita no que concerne tanto ao relacionamento com o outro, como à administração propriamente dita da casa à qual está vinculado.

Temas como venda de bebidas alcoólicas em eventos espíritas, satisfação do voluntário, delegação de tarefas, maximização do lucro no centro espírita e outros assuntos foram contemplados pelos autores.

Composto por 32 capítulos, os 26 primeiros capítulos foram escritos por Wellington Balbo, e os demais – cap. 27 a 32 – são de autoria de Maurício Gonçalves de Moura, que abordou neles o trabalho voluntário.

Desejos de paz e serenidade àqueles que se vincularem ao abençoado trabalho que se realiza nas lides espíritas são os votos dos autores.

Quem são os Autores

Maurício Gonçalves de Moura nasceu em Bauru-SP em 25 de junho de 1962. Casado com Izabel Cristina, tem três filhos (Aline, Allan e Vinícius) e três netos (Amanda, André e Sofia). É formado em Administração de Empresas e pós-graduado em Recursos Humanos e Ensino Superior. Atua profissionalmente como professor universitário e também no comércio como sócio-diretor da empresa BRASIPEÇAS – Vidros e Acessórios para Veículos.

Como espírita, participa ativamente do Grupo de Trabalho Paulo dos Gentios, dedicado à formação de novos oradores espíritas, vinculado à USE Intermunicipal de Bauru, coordenando a evangelização infantil do Projeto Girassol, mantido pelo Centro Espírita Amor e Caridade, além de orientar o COEM – Curso de Orientação Espírita e Mediúncia do Centro Espírita Irmã Catarina, ambos na cidade de Bauru.

Atua ainda como palestrante, divulgando o Espiritismo nas cidades da região de Bauru e Jaú.

Wellington Balbo nasceu em Cafelândia-SP no dia 8 de março de 1975. Pai de Olivia Guerreiro Balbo e João Antônio Guerreiro Balbo, atua profissionalmente como professor universitário em curso de Administração de Empresas. Vinculado à USE Intermunicipal Bauru e ao Centro Espírita Amor e Caridade da mesma cidade, é o atual coordenador do Jornal Olhar Espírita e redator do programa Diálogos Espíritas, transmitido pelas rádios Bandeirantes e CEAC. Autor de 13 livros, percorre diversas cidades em palestras de divulgação do Espiritismo.

1 - O dirigente espírita, os voluntários e os pedintes

O administrador de empresas de sucesso é aquele que conhece com propriedade a realidade e o mercado em que sua empresa está inserida. Ele – o administrador – necessita estar atento às mudanças de todas as esferas, para que permaneça atualizado e possa assim dar sua parcela de contribuição para o crescimento da Organização que está sob sua responsabilidade.

E quando falamos na realidade do administrador, não podemos nos esquecer de que é, também, a realidade do dirigente espírita, que é o administrador da Casa Espírita. Por isso é de suma importância que o dirigente espírita adquira alguns conhecimentos básicos da ciência da administração.

Mas por que adquirir esses conhecimentos? A resposta é simples: porque lidará com pessoas, com a administração propriamente dita e também com valores tangíveis, tais como o dinheiro e o patrimônio da Casa, e valores intangíveis, como a habilidade e as aptidões dos trabalhadores que com ele estão frequentando ou auxiliando na administração da Casa.

Nas visitas em palestras que realizamos nos centros espíritas procuramos conversar com os dirigentes sobre os trabalhadores da Casa. Como estão? Há motivação no desempenho da tarefa que se propuseram a realizar no centro espírita? Estão comprometidos?

E a resposta vem, nem sempre animadora: “São poucos trabalhadores” e “Temos dificuldades com voluntários”.

Se a Casa que está sob sua direção, caro dirigente, não apresenta dificuldades com trabalhadores e há abundância de trabalhadores, este capítulo de nada servirá. Todavia, se enfrenta problemas com voluntários e há escassez de pessoas, prossiga na leitura, porque diante do panorama que se apresenta cabem os seguintes questionamentos:

Por que são poucos os trabalhadores? Por que a mensagem espírita, que pede constante participação, não vem tocando o coração das pessoas? Será que falta divulgação? Maior clareza na comunicação? Será que eu, como dirigente espírita, conheço de fato o mercado, ou seja, a realidade em que estão mergulhados os frequentadores da Casa que está sob minha coordenação?

Estes questionamentos requerem humildade, porquanto para confrontar a si mesmo e sua forma de administração o dirigente espírita terá de se despojar do orgulho. Um exercício que redundará, inclusive, em sua melhora moral. A grande questão é que o centro espírita, em muitas ocasiões, funciona como hospital a oferecer o lenitivo ao doente.

Entretanto, esta deveria ser, em realidade, apenas a primeira etapa. No segundo momento, o centro espírita deveria funcionar como abençoada escola, autêntica universidade da alma, que educa os Espíritos na busca do seu equilíbrio íntimo. E num estágio mais avançado, vemos o centro espírita como escola e oficina de trabalho, proporcionando aos seus frequentadores as sagradas oportunidades de servir ao próximo, mas também de descobrir seus talentos.

Porém, infelizmente, por razões diversas ainda está enraizada no ser humano a tendência de criar seres dependentes; ou seja, pessoas dependentes “eternamente” do passe, da cesta básica, do conselho...

Salientamos que toda ajuda à alma humana em dificuldade é importante e necessária, no entanto, o centro espírita em suas atividades deve primar pela educação que constrói criaturas amadurecidas, que podem caminhar com suas próprias pernas.

Ao proporcionar meios para que as pessoas possam se autogovernar, o centro espírita formará um trabalhador que deixará a condição de pedinte contumaz para tornar-se colaborador consciente e eficaz. Reforçando: o auxílio de todos os matizes prestado pela casa espírita é relevante; o que nada

agrega é o falso auxílio que alimenta eternos pedintes, tornando o centro espírita apenas um hospital.

Cabe, pois, ao dirigente espírita, empreender esforços para que o centro espírita pule o degrau de hospital transformando-se em escola, habilitando o “recuperando” a aprender e depois servir de modo competente; aí está também o centro espírita atuando como abençoada oficina.

Por isso, questionar a administração e buscar sempre resultados positivos na questão que envolve a motivação dos trabalhadores é um quesito que não pode ser perdido de vista.

A responsabilidade do dirigente espírita é grande, porquanto ele traz consigo o ideal espírita, que visa, fundamentalmente, à regeneração da humanidade.

2 - Administração do Centro Espírita

As ciências que surgem no mundo servem para facilitar e orientar a vida das pessoas. Em assim sendo, justo é que sejam aproveitadas da melhor forma possível.

E a Doutrina Espírita, estabelecida com bases científicas, não pode fugir à regra, por isso, levantamos alguns pontos importantes, concernentes à Ciência da Administração de Empresas e que podem ser aplicados na Administração do Centro Espírita.

Em primeiro lugar é preciso que se defina a missão do Centro Espírita, que deve ser colocada de maneira simples, clara e objetiva.

Missão do Centro Espírita: Ensinar o Espiritismo; criar campo propício para que as pessoas evoluam intelectual e moralmente, colaborando para a construção de um mundo melhor.

Após a definição da missão do Centro Espírita, que certamente lhe dará um norte a seguir, sem devaneios desnecessários, o dirigente espírita pode começar a colocar em prática as ferramentas que traz a Ciência da Administração.

Princípios básicos do administrador: Os quatro princípios básicos do administrador – que são Planejar, Organizar, Dirigir e Controlar – podem perfeitamente ser adequados no dia a dia do Centro Espírita, de modo que, ao aplicá-los, o dirigente irá sentir sensível melhora na qualidade das atividades. Vejamos:

Planejar: Quando falamos em planejar, estamos em realidade dando o primeiro passo para o acerto, pois, planejando, começamos a desenhar as atividades que queremos desenvolver. É importante colocar esse planejamento no papel, pois se evita a perda de foco, desperdício de tempo e energia.

Ao contrário do que muitos pensam, o planejamento não é estático e pode ser mudado se for constatada a necessidade.

Outro dia um amigo comentou que as reuniões de estudo de “O Livro dos Espíritos” no centro que ele frequenta, e que eram realizadas às terças-feiras, estavam com os dias contados para terminar. O motivo: a terça-feira é um dia complicado para a maioria dos frequentadores do centro. Justamente aí entra o planejamento. Ao planejar, se conhece o perfil e as necessidades das pessoas interessadas nas reuniões. O planejamento do estudo evitaria o possível término das reuniões, pois elas poderiam ser efetivadas em um outro dia, mais propício aos frequentadores e demais interessados.

Organizar: A organização ditará a maneira mais apropriada de se utilizar os recursos humanos e materiais disponíveis. Com ela ganha-se em agilidade e eficácia. Para se organizar é importante ressaltar prioridades e serviços mais urgentes, dando-lhes o devido encaminhamento, obedecendo sempre a uma sequência lógica. Essa questão pode parecer óbvia, contudo, a experiência demonstra que muitas pessoas se perdem justamente na hora de organizar as atividades que estão desenvolvendo.

Dirigir: Nessa questão, o dirigente irá coordenar como as atividades serão realizadas. É importante delegar tarefas, porque, delegando, cria-se uma atmosfera de confiança, em que o caminho vai gradativamente sendo preparado a outro companheiro que um dia poderá ocupar seu lugar na direção do Centro. Nada de pensar que as coisas só funcionam de nosso modo, pois isso tira o foco dos objetivos que foram traçados, além de inibir a iniciativa alheia, o que, convenhamos, é péssimo para o andamento das atividades. Lembremos sempre que o líder real é aquele que antes de tudo prepara caminhos para que as coisas funcionem em sua ausência.

Controlar: Ao controlar, o dirigente terá oportunidade de fazer um balanço dos resultados das atividades que foram desenvolvidas. Ao medir se os resultados alcançados foram satisfatórios, o dirigente terá em mãos subsídios para conversar com colaboradores e, se necessário, traçar novos

rumos, remodelar atividades, implantar outras, proporcionando ao Centro Espírita que dirige uma melhoria contínua.

Essas ferramentas são importantes e podem facilitar o trabalho do dirigente espírita, contudo, o que irá legitimar o trabalho desenvolvido no Centro será primar pelo ensino da Doutrina Espírita sem invenções desnecessárias, e do Evangelho de Jesus – esse farol que ilumina consciências, aquece corações e faz prevalecer a fraternidade diante da burocracia.

3 - Atividade na Casa Espírita

O título deste capítulo é o mesmo de uma palestra proferida pelo conferencista baiano Divaldo Pereira Franco.

Atividade na Casa Espírita tem por objetivo servir de parâmetro aos dirigentes e colaboradores do Centro Espírita, a fim de que os objetivos da Casa Espírita alcancem o sucesso almejado por dirigentes do mundo visível e invisível.

A benfeitora espiritual Joanna de Ângelis, pela mediunidade de Divaldo, propõe uma tríade ao dirigente espírita:

1º Espiritizar

2º Qualificar

3º Humanizar.

Espiritizar: parece paradoxal tocar no assunto de espiritizar o Centro Espírita, mas há casas que se rotulam como Centro Espírita, contudo fogem a Kardec, trabalhando distante das diretrizes ensinadas pelo codificador.

O Centro Espírita tem como foco principal ensinar Espiritismo. Todos os assuntos, inclusive os da atualidade, podem e devem ser abordados no Centro Espírita. Entretanto, importante reforçar que esses assuntos, sejam eles quais forem, devem ser abordados fazendo o link com a Doutrina Espírita.

O Centro Espírita não deve se envolver com terapias alternativas, com todo o respeito que elas merecem. Terapias alternativas devem ser praticadas por quem estudou e pesquisou para praticá-las, em ambientes independentes do Centro Espírita.

Como exemplo, citamos o caso de dirigente de um centro que se denominava espírita e que começou a promover em “seu centro” sessões de cromoterapia. Resultado: os frequentadores nada entendiam sobre o significado do Espiritismo, confundindo-o com a cromoterapia. Enxergavam no Centro Espírita tão somente uma casa de recuperação. Imediatistas, queriam a breve cura para seus males, pouco se

preocupando em estudar as obras de Kardec, que, saliente-se, atingem a causa das mazelas humanas ao ensinar que os males resultam de nossa invigilância para com as leis que regem a vida.

Nada contra a cromoterapia ou qualquer outra terapia alternativa, contudo, que não seja realizada no Centro Espírita para que não se perca o foco do que ensina o Espiritismo. Por isso, como assevera Joanna de Ângelis, é de suma importância espiritizar o Centro Espírita.

Qualificar: vivemos a época da qualidade total e o Centro Espírita não pode ficar distante dessa realidade. O colaborador do Centro Espírita, inserido dentro do contexto da instituição, deve estar bem preparado para receber os frequentadores, aperfeiçoando-se constantemente para bem servir. Aliás, a qualificação do trabalhador espírita demonstra solidariedade e respeito ao ser humano. Quanto mais preparado estiver o trabalhador espírita, mais útil será ao semelhante.

Se vou dedicar-me ao atendimento fraterno, irei fazer cursos, trocar experiência com companheiros mais calejados que atuam nessa área, enfim, aperfeiçoar-me para oferecer qualidade às pessoas que procuram o Centro Espírita. Por isso, como ensina Joanna de Ângelis, é de vital importância a qualificação do trabalhador espírita.

Humanizar: o Centro Espírita precisa ser uma casa que exale instrução e amor, esclarecimento e conforto. Daí a necessidade de sua humanização, do carinho ao receber os frequentadores, da tolerância para com as dificuldades alheias, da intensa luta que se deve imprimir contra o automatismo que muitas vezes caracteriza as relações humanas. Não somos robôs, somos seres humanos, Espíritos imortais, com sentimentos, anseios, dificuldades, carências, conquistas...

O olho no olho, o abraço fraterno e a conversa amena fazem parte dessa humanização. Lembro-me de famoso escritor espírita que ao ver a fila grande de pessoas que pediam seu autógrafa passou a acelerar o procedimento das assinaturas. Uma senhora, fã da literatura daquele escritor, ao

ver a rapidez com que ele assinava, pediu-lhe: “Senhor, por favor, se não for pedir muito, gostaria que olhasse um pouco em meus olhos”.

O escritor, então, caiu em si. Compreendeu que estava sendo autômato nas relações com o ser humano. Humildemente decidiu rever seus conceitos, e, a partir de então, tornou-se mais humano no trato com as pessoas que o procuravam dentro e fora do Centro Espírita.

Por isso, como aconselha Joanna de Ângelis, é de grande importância que o servidor espírita humanize sua relação com o semelhante, dentro e fora do Centro Espírita.

Vale a pena pensar e refletir no que propõe a notável orientadora espiritual de Divaldo Franco, porquanto são ensinamentos de grande valia para o dirigente espírita que quer melhorar ainda mais o ambiente e os trabalhos que são oferecidos pela instituição temporariamente sob sua coordenação.

4 - Bebida alcoólica em evento promovido pelo Centro Espírita. Pode isso?

Ao entrarmos neste capítulo, permita-me o leitor narrar lamentável fato que ocorreu em evento promovido por um dos muitos centros espíritas espalhados pelo interior de nosso país. Vamos ao caso:

Era um alcoolista em recuperação e trazia consigo a vontade de superar a dependência química e psicológica que caracteriza aqueles que se embrenharam pelo vício da bebida alcoólica. Alguns amigos espíritas apresentaram-lhe as lições da doutrina codificada por Kardec, e elas caíram como uma luva em seu desanimado coração. E desde então se dedicou de corpo e alma ao estudo do Espiritismo, frequentando o Centro, assistindo às palestras e também servindo na área da assistência social.

Todavia, com o organismo ainda intoxicado pelos anos de consumo do álcool, era com frequência que se via tentando a dar o último gole, que em realidade não seria o último, mas o primeiro de sua recaída.

E no dia 10/10/2006, encontrou-se novamente com o vício, tomando aquele malfadado gole da recaída. Curioso notar que não fez uso da bebida alcoólica em algum bar ou lanchonete, mas, sim, na festa beneficente promovida pelo Centro Espírita que frequentava, onde os dirigentes serviam cerveja e vinho com a desculpa de que, se não houvesse bebida alcoólica, o evento ficaria às moscas. Sucumbiu justamente no lugar que deveria servir de apoio para sua recuperação.

Reflitamos.

O Espiritismo tem função sociológica das mais relevantes na sociedade contemporânea. Ao difundir a necessidade de aperfeiçoamento moral e intelectual constante do indivíduo, presta importante colaboração para que se extirpem males

sociais que são responsáveis pela infelicidade e desdita de muitos povos e pessoas. E o álcool é um desses males sociais que desagregam famílias, promovendo crimes e facilitando a derrocada moral de muita gente.

A história acima, caro leitor, foi inspirada em um relato feito por um amigo, chateado com a iniciativa de alguns dirigentes espíritas de uma cidade de nosso Brasil, que andam promovendo festas beneficentes regadas a bebida alcoólica, com a desculpa de que se não houver bebida o evento ficará vazio.

Lamentável que isso ocorra. Mas a realidade é que os Centros Espíritas irão sempre refletir as tendências de suas lideranças. Se lideranças saudáveis, baseadas na legítima vontade de difundir os postulados de Kardec, teremos Centros coerentes, atuando com o bom senso ensinado pelo codificador. Contudo, se lideranças com ideias equivocadas, desvirtuando propósitos, teremos Centros Espíritas inabilitados a ensinar o Espiritismo.

Ao proclamar que o verdadeiro espírita é aquele que se esforça por superar suas mazelas morais, Kardec deixou claro que o Espiritismo não pede indivíduos perfeitos, mesmo porque sabe que estes não existem neste planeta, mas, sim, indivíduos comprometidos com o trabalho de sua melhoria íntima, que redunde em melhoria coletiva. Ou seja, não obstante as nossas limitações inerentes à condição humana, podemos superar nossas más inclinações e tornar o Centro Espírita um local de bênçãos a refletir nosso real compromisso com a renovação.

Quanto à justificativa dos dirigentes de que se não houver bebida alcoólica o evento beneficente ficará às moscas, afirmamos que é desprovida de lógica e bom senso. O Espiritismo não tem compromisso de agradar a gregos e troianos, portanto, não há qualquer vínculo da Doutrina Espírita com bebidas alcoólicas e quantidade de pessoas que haverá em um evento beneficente. O compromisso do Espiritismo é oferecer recursos de esclarecimento para que o ser humano

desperte às realidades além da matéria, educando-se a fim de compreender os mecanismos que regem as leis da vida.

O compromisso do Espiritismo é com a sociedade e sua melhoria, tudo que foge ao bom senso e propaga o vício não reflete os ideais da doutrina codificada por Kardec.

5 - Caridade para com o trabalhador espírita

Abraham Maslow (1908 – 1979), psicólogo norte-americano do século passado, elaborou a pirâmide das necessidades humanas, dividindo-a em 5 categorias: fisiológicas, de segurança, sociais, de estima e realização pessoal.

Didaticamente, Maslow abordou ponto interessante e credor de reflexão. Sua teoria, embora tenha alguns detratores, reflete de maneira prática as necessidades humanas e suas implicações na motivação do indivíduo. Aliás, vale lembrar que nem o próprio Maslow estava plenamente satisfeito com sua teoria. Julgava faltar algo, o elemento básico: a espiritualidade. Natural o pensamento de Maslow, porquanto o homem não é apenas carne e osso, mas, também, e, sobretudo, um ser espiritual. No entanto, nosso objetivo não é aprofundar-nos nas elucubrações do pensador norte-americano. Gostaríamos, no presente capítulo, de tratar de um tema pertinente às lideranças espíritas e seu relacionamento com os demais trabalhadores da Casa Espírita.

Perceba, caro leitor, independentemente de nossa condição social e cultural, todos temos necessidades. A própria existência humana impõe que seja assim. As necessidades fisiológicas, por exemplo, são impositivos naturais de nossa volta ao corpo físico. Subordinados à máquina orgânica, temos que aquiescer às suas necessidades, quer queiramos ou não.

Reforçando: todos nós, independentemente da condição que temporariamente ocupamos, temos necessidades, incluindo-se aí, portanto, o trabalhador espírita.

Sim, os abnegados servidores da seara espírita têm suas necessidades e enfrentam, como seres humanos que são, os desafios da existência.

São merecedores de caridade, precisam sentir que são queridos e que a Casa Espírita também está disposta a suprir suas necessidades. Logo, forçoso admitir que a mesma

caridade destinada aos assistidos das instituições espíritas deve ser estendida aos trabalhadores. Aliás, é um básico princípio de justiça.

Entretanto, não raro enxergamos apenas o que nossos limitados olhos físicos mostram. As dificuldades materiais encarnadas na miséria e abandono são vistas claramente. Há, porém, situações que vão muito além das aparências. Há pessoas que choram sorrindo e, quando isso ocorre, muitas vezes não percebemos. É preciso, pois, estar atento e ser um líder espírita participativo para mostrar ao grupo a importância de cada membro. É necessário estar atento para observar as necessidades dos indivíduos. Em alguns momentos da existência precisamos do abraço, do apoio ou mesmo dos ouvidos dos amigos. Relevante que o encontremos na Casa Espírita, em meio aos amigos que conhecem as felicidades e as agruras da existência humana sob as diretrizes marcantes da Imortalidade da Alma.

Eis, então, um oportuno lembrete às lideranças da doutrina codificada por Kardec: atentem também para as necessidades dos voluntários das instituições que estão sob a sua coordenação. Preocupem-se com seus trabalhadores, observem se estão motivados, ou enfrentando desafios e dificuldades. Perguntem, exponham, criem laços de amizade e o saudável hábito de preocupar-se com o próximo mais próximo.

Enfim, lembrem-se de que o problema também bate à porta de quem se empenha em abri-la aos menos favorecidos. Caridade também para com o trabalhador espírita, para que nossas Casas sejam lares revestidos do fraterno amor de Cristo.

6 - Estranho comportamento do dirigente espírita

Uma das primeiras palestras espíritas a que assisti foi muito intrigante. Lembro-me de que tinha 24 anos e, embora conhecesse pouco da doutrina codificada por Kardec, minha curiosidade para aprofundar conhecimentos era enorme. E, como dizem: a primeira palestra a gente nunca esquece! Eu não me esqueço mesmo. Após a leitura do Evangelho e comentários, o dirigente chamou diversas pessoas da plateia, formou fila indiana e todos começaram a percorrer o salão entoando cânticos, para mim ininteligíveis.

Bem, naquele dia saí do centro espírita estranhando o comportamento do dirigente, porquanto os poucos livros que havia lido mostravam-me outra face do Espiritismo. Após algum tempo e com o conhecimento um pouco maior da obra codificada por Kardec, entendi que o comportamento do dirigente daquele centro nada tinha a ver com os postulados lecionados pelo pedagogo francês.

Diante do fato narrado, importante refletir:

A liberdade de expressão é direito inalienável da criatura; no entanto, é imperioso admitir que existem *locais e locais* para a livre expressão. Inconveniente, por exemplo, a pretexto de liberdade de expressão, tomarmos a palavra além do tempo que nos é de direito, numa reunião escolar, e começarmos a elaborar elucubrações que nada tenham a ver com os objetivos da reunião. Certamente cansaremos os outros com nossas divagações e desvirtuaremos os propósitos estabelecidos pelos dirigentes, ou seja, fugiremos do foco principal.

Aliás, fugir do foco principal é um dos grandes problemas enfrentados por nós em nossa peregrinação terrena. Não raro divagamos e patinamos naquilo que nos propomos a realizar. Começamos por um caminho e, quando nos damos conta, estamos bem longe dos objetivos outrora traçados. Foi o caso do dirigente espírita, que perdeu o foco e desvirtuou o objetivo

da reunião. Pior: mostrou um *Espiritismo inexistente* e em total descompasso com as ideias de Allan Kardec. Ele poderia muito bem dançar, entoar cânticos e formar fila indiana, contanto que não o fizesse no centro espírita, porquanto o objetivo principal de toda casa erigida sob as diretrizes de Allan Kardec é ensinar Espiritismo, ou seja, divulgar a doutrina tal como foi codificada pelo pedagogo francês.

Peço licença ao leitor para discorrer sobre uma experiência pessoal:

Certa vez levei um primo católico para assistir à palestra que eu iria proferir na cidade de Bariri-SP, distante 60 quilômetros de Bauru-SP. Na viagem de regresso, perguntei a ele:

— E aí, gostou da palestra?

Ele respondeu de pronto:

— Gostei muito! Só não sabia que vocês espíritas acreditavam em santo.

Perguntei:

— Como assim?

E ele:

— Ora, você citou várias vezes o nome de *Santo Agostinho*.

Então me dei conta de que havia mesmo citado por diversas vezes o nome de Santo Agostinho. Enfim, admiti que me equivoquei na forma de comunicação, poderia ter aberto parêntese e explicado melhor a visão espírita sobre os homens chamados *santos*.

Por isso, na questão envolvendo a divulgação espírita, importante lembrar a responsabilidade dos oradores espíritas e daqueles que promovem eventos denominados *espíritas*. É preciso saber se o orador convidado está em sintonia com o Espiritismo. É necessário saber se o orador que subirá na tribuna do centro espírita mostrará a verdadeira face do Espiritismo, sem invenções ou incoerências doutrinárias, porque o centro espírita é aberto ao público e recebe pessoas possuidoras de todos os níveis de conhecimento doutrinário.

Há gente que chega ao centro espírita e nada conhece; há pessoas que nunca ouviram falar de Allan Kardec e têm pouca ou nenhuma noção do caráter educacional do Espiritismo. Daí a necessidade do zelo. Há gente buscando comunicação de afetos desencarnados, outros vão à procura de soluções para seus males, outros ainda aportam no centro espírita por grande curiosidade. Alguns querem mágicas, outros foram “aconselhados” a desenvolver a mediunidade e por isso buscam a casa espírita.

Enfim, a diversidade do público que comparece ao centro espírita é gigantesca, daí a necessidade do cuidado redobrado para com a mensagem ministrada pelo orador, a fim de evitar mal-entendido acerca dos reais objetivos da doutrina espírita.

Imperioso pensar com atenção neste assunto para melhorarmos a qualidade da comunicação espírita; afinal, divulgar bem o Espiritismo só depende de nós.

7 - Empowerment

Durante séculos e séculos o ser humano se massacrou para conquistar o poder. Foram povos subjugados, humilhados, sangue espalhado, crueldade por todos os lados.

Todos aqueles que possuíam algum poder de decisão impunham suas medidas mais pela força do que pela excelência que elas apresentavam.

Épocas em que o medo ditava as regras da sociedade.

Essa cultura veio sendo transmitida de geração em geração.

Na família, o pai decidia tudo sozinho, bastava um olhar, para todos compreenderem suas ordens. Na escola, o professor era o único detentor de conhecimentos.

Na empresa, o dono, ou chefe de seção, intimidava a todos com sua austera presença.

Delegar e dialogar não eram, definitivamente, o ponto forte. O costume do poder centralizado e poucas cabeças decidindo futuros pairava nos mais diversos cantos do globo.

Hoje, porém, as coisas, mesmo que timidamente, começam a tomar novos rumos.

A Ciência da Administração trouxe o *Empowerment*, ou delegação de autoridade, que visa distribuir responsabilidades aos membros de uma equipe, fazendo com que todos participem dos projetos e tenham autonomia e poder de decisão.

Todavia, o Empowerment não precisa ficar limitado às empresas e pode ser aplicado em todas as áreas de atuação do ser humano.

Vejam os:

O pai abre diálogo aos filhos e à esposa.

O professor começa a abrir espaço para a troca de ideias enriquecedora, colocando-se na posição de facilitador do aprendizado, e não mais na de detentor da sabedoria absoluta.

O empresário já não mais intimida seus funcionários, e com frequência os trata como clientes internos.

O dirigente espírita começa o processo de “passar o bastão”, ou seja, delegar poder às pessoas que chegam e se mostram com vontade e capazes de desempenhar funções em uma casa espírita.

E, gradativamente, vamos descobrindo a riqueza de delegar atribuições e distribuir o poder de decisão. Óbvio que, a depender das situações, existem coisas que são indelegáveis, todavia, é salutar que aprendamos a delegar e reflitamos nos seus inúmeros benefícios, dos quais aqui citaremos apenas três:

1º Delegar nos faz exercitar a humildade – Ao delegar descobrimos que não somos os únicos capazes de realizar. Com isso, aprendemos que não somos o centro do universo, começamos então a perceber que somos apenas parte integrante dessa engrenagem chamada vida. Com essa constatação, certamente a humildade vai gradativamente ganhando espaço no rol de nossas virtudes.

2º Delegar nos proporciona aprender – Ao delegar descobrimos que há pessoas com capacidade igual ou maior que a nossa em resolver situações, e, o que é melhor, sendo elas um universo diferente do nosso, trazem consigo seu jeito particular de realizar, frequentemente diferente de nossa maneira de fazer as coisas, mas que obtém também resultados positivos.

Ao delegarmos tarefas, se estivermos atentos, observando o desenrolar das situações, iremos com certeza aprender uma outra forma de realizar, enriquecendo assim nosso cabedal de conhecimentos.

3º Delegar nos estimula ao desprendimento – Ao delegar vamos descobrindo que as situações que vivenciamos no mundo são de caráter transitório; trocamos assim o Ser, pelo Estar, muito mais saudável.

Não somos Presidente do centro espírita, estamos temporariamente como Presidente da Casa. Não somos donos

de nada, estamos temporariamente coordenando alguma coisa.

Um dia, cedo ou tarde, a morte bate à porta, e nos chama a outros testemunhos, e, querendo ou não, teremos que partir. Muito melhor partirmos sem grandes apegos que poderão nos causar embaraços.

Muitas pessoas sentem-se donas de instituições, cargos, ou mesmo títulos que temporariamente possuem. Por medo ou insegurança, não delegam nenhuma de suas atribuições, acolhem o mundo e se sobrecarregam desnecessariamente, trazendo para si transtornos de todas as ordens. Uma pena... Delegar, portanto, é excelente exercício para treinar o desprendimento, e preparar caminho para que outros também deem sua parcela de contribuição no cenário do mundo.

Por isso, delegar é preciso, e, sobretudo, saudável.

8 - Dificuldade financeira do orador espírita

Com seu verbo inflamado, percorria diversas cidades levando com alegria o esclarecimento da Doutrina Espírita. E para esse mister não media esforços, colocando-se sempre à disposição das diversas Casas da região onde residia.

No entanto, em determinado período de sua existência, passou por complicada situação financeira. Perdera o emprego, e contas avolumavam-se em suas gavetas, exigindo pagamento imediato.

Todavia, à medida que as contas chegavam, os convites para palestras também.

As Casas Espíritas que visitava faziam questão de reembolsá-lo quanto às despesas de combustível e alimentação, algo justo e natural. Mas eis que para tudo há uma primeira vez. E, assim, em determinada ocasião, o orador viajou a uma cidade distante e não recebeu o reembolso referente ao combustível.

Os responsáveis pelo evento nada comentaram, e, constrangido, restou-lhe o ônus de arcar sozinho com as despesas.

Em face disso, teve que deixar de pagar a conta de energia de sua casa, o que gerou sérios problemas familiares...

É verdade que o orador deveria ter aberto o jogo com a Casa Espírita. No entanto, também é verdade que a Casa Espírita deveria ter a sensibilidade de perguntar a ele quanto às suas condições econômicas. Nada de melindres, perguntar não ofende.

As dificuldades financeiras são espinhosas; espinhosas e democráticas, porquanto apoquentam até mesmo o orador espírita, além do que, assim como todos, ele também está sujeito às contas no final do mês.

E elas, as contas, não perdoam ninguém e, como sempre, de 30 em 30 dias surgem intrépidas: água, energia, escola, mercado, impostos...

Por isso, é de suma importância que a Casa Espírita, ao promover o evento, manifeste-se com relação às despesas do orador espírita. Nada além disso, haja vista que o trabalho é realizado de forma voluntária, razão pela qual o orador espírita não cobra nada pela sua palestra, apenas necessita do reembolso justo.

Em minhas andanças pelo Estado de São Paulo, não tenho enfrentado problemas com relação ao reembolso das Casas Espíritas, pois a maioria delas costuma entender essa problemática. Entretanto, em alguns lugares por onde passei nada perguntaram e, portanto, fiquei a “ver navios”. Conheço confrades que também passaram por isso. Acredito que não seja proposital, tratando-se, pois, de pura falta de atenção dos dirigentes das Casas.

Talvez este artigo seja um tanto quanto antipático e cause melindre em algumas pessoas, todavia, é um lembrete importante e justo, porquanto no final do mês as contas vencem, e as do orador espírita também.

9 - Esclarecer o público não espírita

O mundo todo passa por transformações e a sede por assuntos transcendentais vem transbordando a cada dia.

Reencarnação, comunicabilidade com os chamados mortos, vida fora do planeta Terra são questões que estão na crista da onda, suscitando curiosidade e interesse de muita gente.

Portanto, eis que, nessa fase, o espírita e a equipe de trabalho do Centro Espírita têm papel de relevante importância, em que o seu abordar e a maneira com que tratará os assuntos acima citados irão colaborar ou não para uma melhor compreensão das pessoas em torno dessas questões que estão agora chegando ao conhecimento do público não espírita.

Mas há que questionar:

Será que a equipe de trabalho do Centro Espírita está preparada para receber a demanda de pessoas que têm pouco ou nenhum conhecimento de temas como Reencarnação, Mediunidade e Lei de Causa e Efeito?

Sim, porque sendo o Centro Espírita um local onde esses assuntos são estudados e tratados com a maior seriedade, é natural que seja, a partir de agora, mais procurado, e, assim sendo, se faz necessário um preparo prévio da equipe que trabalha no Centro Espírita, ou mesmo do espírita frequentador, a fim de receberem com qualidade esse número de visitas que certamente aumentará.

E que bela oportunidade temos nós espíritas de divulgar os postulados da Doutrina, porque o público não espírita estará com sua casa mental receptiva e acolhedora para essas questões transcendentais.

Por isso, importante ressaltar dois pontos:

1. *Esclarecer e não complicar.*

Temos que esclarecer o público não espírita que está sequioso por informações racionais. Termos técnicos, que requerem um conhecimento mais acurado, devem ser evitados.

Devemos, sim, explicar a reencarnação de maneira simples e inteligível. A mediunidade também merece atenção e ser tratada sem sensacionalismo, sem estardalhaço, como um fenômeno natural que é, descrito dentro das leis que regem o universo, para, sobretudo, convidar ao estudo, de modo que a curiosidade dê lugar à pesquisa e à compreensão.

Isso é esclarecer e não complicar, porque, se quisermos complicar, basta entrar em polêmica sobre religiões, em que poderemos trazer a antipatia de nosso visitante, transmitindo uma mensagem negativa e fechando sua casa mental às informações que ali veio colher.

Há alguns dias, um amigo estava chateado, e contou-me o que ocorreu no Centro Espírita que frequenta. Um visitante, motivado pela repercussão das novelas globais, foi até o Centro Espírita esclarecer algumas questões em que ficou em dúvida. Após 15 minutos de prosa, o dirigente que o atendeu entrou em uma polêmica religiosa, o que desagradou o ouvinte, que ali fora colher informações e não críticas quanto a essa ou àquela crença religiosa. Ele educadamente agradeceu a atenção dispensada e retirou-se, sem ao menos assistir à palestra da noite.

2. Dar atenção a quem procura:

Pode até parecer inútil essa afirmação. Poderemos pensar: “Claro que darei atenção a quem me procura no Centro Espírita”. Contudo, a atenção vai além de bem recepcionar o visitante. A atenção é calar nossos ruídos interiores e nos conectarmos ao nosso interlocutor, transformando a sua presença ali como um acontecimento importante e transmitindo, assim, a mensagem de que a Doutrina Espírita se faz cristã e comunga as máximas do Cristo.

Dia desses, amigo não espírita comentou:

Gostei de ir ao Centro Espírita. Fui bem recebido, demonstraram satisfação em ver-me ali, todavia, não pude conversar com ninguém, porquanto todos estavam atarefados e não puderam responder às minhas indagações.

Veja, caro leitor, como a atenção vai além do abraço e do sorriso. Perdeu-se aí excelente oportunidade de divulgar os postulados da Doutrina.

Nós espíritas ficamos enclausurados dentro das paredes do Centro e não mantemos contato com o mundo exterior; conversamos muito entre nós e negligenciamos com relação à divulgação da Doutrina, que deve ser feita a todos.

Poderíamos ser um pouco mais ousados!

Contudo, a espiritualidade que trabalha para a comunhão universal tratou de tecer uma forma de fazer essa mensagem invadir infinitos lares: trouxe a mídia para fazer o trabalho de divulgação, o que vem por meio principalmente das novelas e filmes, trazendo à baila leis universais e já conhecidas por nós espíritas.

Portanto, cabe-nos dar continuidade a essa tarefa e receber com atenção e carinho, simplicidade e bom senso, o semelhante que até nós chegar movido por essa mão da espiritualidade.

10 - Falar em público no Centro Espírita

Um dos maiores receios do ser humano: falar em público. Muitos chegam mesmo a tremer diante de tal possibilidade, e as razões são as mais diversas: timidez, falta de vontade em se expressar, medo de ser julgado com severidade pelos outros, pavor de ver suas ideias rejeitadas por um grande número de pessoas...

Alguns dados são interessantes: 41% dos norte-americanos têm medo de falar em público, os australianos chegam mesmo a preferir a morte a tomar contato com uma plateia.

Todavia, na era da informação e comunicação, é fato que mais dia ou menos dia teremos de nos apresentar para plateias maiores ou menores, seja em reuniões profissionais, familiares, ou mesmo em algum seminário que formos apresentar em virtude da atividade religiosa ou estudantil que desenvolvemos.

Lembro-me de pitoresco fato: em um seminário na faculdade, uma amiga recusou-se a participar. O motivo: pavor de falar em público. Dizia-se incapaz, sem gabarito para tal empreitada. Infelizmente a colega abandonou o curso por não querer vencer essa limitação, que, diga-se de passagem, era absolutamente contornável.

Adaptando essa realidade para as atividades desenvolvidas no Centro Espírita, vemos também a carência de colaboradores que fazem o uso da palavra em público. Por isso é digna de registro a iniciativa desenvolvida pela USE Intermunicipal Bauru, que visa incentivar os colaboradores do Centro Espírita a enfrentar plateias.

Os benefícios dessa empreitada são inúmeros:

1º) oferece ao Centro Espírita um colaborador nativo que faça o uso da palavra, para que não se fique refém apenas de expositores vinculados a outras Casas.

2º) incentiva o ser humano a desenvolver essa habilidade – de falar em público – tão importante nos dias atuais e que sem

dúvida será de utilidade em todos os ângulos de ação em que ele estiver inserido.

3º) convida ao estudo, porque o orador, para expor bem o tema que se propõe a falar, terá de conhecê-lo e, conseqüentemente, estudá-lo.

4º) enriquece o Espírito, que começará, assim, o plantio de mais uma habilidade, melhorando gradativamente, à medida que for trabalhando em torno dela.

Imperioso ressaltar também que naturalmente enfrentaremos receios e percalços, inerentes a qualquer atividade que se inicia, contudo, o importante é darmos o primeiro passo, plantando hoje para que a colheita seja feita amanhã. Nada de desânimo ou menosprezo por si mesmo, achando que temos de dominar com maestria a arte da oratória. Tudo tem um início. Grandes mestres da palavra, que levam plateias à comoção com seu verbo inspirado, são fruto de árduo e intenso trabalho que fizeram para desenvolver essa aptidão.

Cabe então ao Dirigente Espírita criar campo propício, abrindo portas e incentivando o gosto por falar em público por parte dos colaboradores do Centro Espírita que está sob sua administração. Com isso, ganha o Centro Espírita, o Movimento Espírita e, sobretudo, o ser humano, que vê descortinar novos horizontes em sua caminhada evolutiva.

11 - Flores são melhores que pedras

Após a reunião, em respeitável instituição religiosa, alguns colaboradores desfilavam “adjetivos” sobre a pessoa de um dos dirigentes da entidade.

Inflexível – diziam alguns. Prepotente, mesquinho e maldoso – acrescentavam outros.

No meio daquele arsenal de impropérios, surge uma voz pacificadora para serenar os ânimos exaltados:

– Meus amigos, nosso irmão passa por problemas. Dificuldades inúmeras assolam sua alma; melhor que o acusarmos é elevarmos nosso pensamento em oração e pedirmos por esse amigo.

Despertos pela elucidação do colega, envergonhados pela atitude depreciativa de momentos antes, todos olharam-se e colocaram-se em sentida prece.

Uma palavra prudente e amorosa tem o poder de apaziguar iniciativas destrutivas.

A crítica ferina é, antes de mais nada, improdutiva; não resolve os problemas, e cria uma atmosfera de antipatia que tende a maximizar animosidades e desentendimentos.

O dirigente espírita ou participante de qualquer atividade desenvolvida na Casa deve, por dever de caridade, apoiar ao invés de recriminar.

Ao invés de apedrejar com acusações, que machucam, o dirigente deve oferecer a perfumada flor da compreensão.

Quando perceber que vai cair na tentação da maledicência, espere mais um pouco e busque apoio em um livro com páginas edificantes.

Quando estiver em grupo e perceber que o rumo da conversa versará sobre a vida alheia, seja, antes de mais nada, a palavra que refresca, ressalte os pontos positivos daquela pessoa e coloque um ponto final no assunto.

O mundo precisa de trabalho, amor, fraternidade, cooperação, e não de intrigas, inveja, acusações...

Para que amargar a existência com comentários maldosos sobre a vida alheia?

Para que utilizar a fofoca para insuflar mágoa no coração das pessoas?

No jardim da vida é melhor ofertarmos flores de bondade do que pedras de maldade!

Eis, portanto, uma das mais urgentes tarefas do dirigente espírita e daqueles que estão envolvidos nas atividades da Casa Espírita.

12 - O centro que não era espírita...

Gervásio, orador espírita há mais de 20 anos, fora convidado para um ciclo de palestras em região distante. Não obstante as dificuldades geográficas, aceitou o convite com muito prazer, porquanto apreciava conhecer pessoas e divulgar os ensinamentos do Cristo tão bem explicados por Allan Kardec.

Ao chegar a um dos municípios para a palestra, teve recepção calorosa. Aquilo o deixou animado. Gervásio, admirado com tanto carinho, sensibilizou-se. Retribuiu a cada abraço de maneira efusiva demonstrando enorme gratidão.

Depois da costumeira conversa de boas-vindas, os anfitriões levaram-no para o local da palestra. O orador estava ansioso para conhecer o centro espírita. Mas, lá chegando, para sua surpresa constatou que o centro não era espírita, se é possível dizer que existe algum centro que não seja espírita.

Sim, os amigos que calorosamente receberam Gervásio não eram espíritas, mas sim umbandistas.

Gervásio não sabia de nada; afinal, fora convidado para falar em centro espírita, mas...

Mas, o orador não se fez de rogado.

Se pensa que ele foi embora, caro leitor, está enganado. Gervásio ouviu com atenção os hinos entoados pelos amigos da Umbanda e posteriormente trouxe a todos sua mensagem, obviamente que fundamentada nas lições de Allan Kardec. Afinal, ele era espírita.

Ao término da palestra, aplaudido de pé pelos amigos umbandistas, despediu-se levando consigo as bênçãos de Pai Joaquim...

Espiritismo e Umbanda são diferentes, qualquer mediano conhecedor da Doutrina Espírita sabe disso, portanto é ocioso relatar. No entanto, qualquer mediano conhecedor da Doutrina Espírita sabe da essência caridosa e humanitária do Espiritismo.

A Doutrina Espírita ensina que o importante é fazer o bem, agir corretamente. Divulgar e exemplificar o amor são princípios fundamentais que sobrepõem qualquer crença. Justamente este assunto foi abordado por Kardec em *O Livro dos Espíritos*. Indicamos ao leitor consultar a questão número 982 para maiores informações; mas, sem dúvida, podemos adiantar que o bem é sempre o bem.

A verdade é que somos irmãos, caro leitor! Gervásio agiu corretamente! Respeitou a crença alheia. Fez melhor: interagiu sem criar preconceitos ou lamentáveis barreiras impostas pela velha e triste discriminação.

Lembrei-me então de Mãe Menininha. Que maravilha sua existência! A mais famosa mãe de santo do Brasil foi a representação legítima do respeito às diferenças. Frequentava as missas da Igreja Católica. Nossa querida Mãe Menininha, pela dignidade de suas ações, tornou-se a grande responsável pela quebra de um paradigma: mulheres com saias e adereços poderiam assistir às missas. Maravilha!

Gostaria muito de tê-la conhecido. Infelizmente não tive oportunidade. Aliás, tenho certeza de que Mãe Menininha, pelo seu apreço ao respeito, deve ser grande amiga de nosso Chico Xavier. Aliás, eram de Estados vizinhos, estavam próximos. Ela na Bahia, ele em Minas Gerais.

Também não tive a oportunidade de conhecer Chico.

Quem sabe no futuro tenha eu a chance de encontrar em alguma esquina do universo esses baluartes do respeito ao próximo.

E o Gervásio? Ah, sim, o Gervásio está bem, com certeza perambulando por esse mundo a falar das glórias do Evangelho em centros espíritas ou nem tanto...

13 - Olhar o Centro Espírita de fora para dentro

Uma sugestão para o sucesso na divulgação do Espiritismo consta na obra do renomado autor da ciência administrativa Idalberto Chiavenato, que legou ao público o livro “Administração para não administradores”, publicada pela editora Saraiva, de São Paulo.

Naturalmente que Chiavenato não abordou temas como Espiritismo e centro espírita, porém é notória a possibilidade de aplicar seus conhecimentos no que tange à administração da casa espírita.

A partir dos ensinamentos do notável Peter Drucker, o autor, em determinado capítulo, propõe que se olhe a empresa de fora para dentro para que o administrador descubra qual a visão que o cliente tem de sua organização.

O mesmo se aplica à realidade do centro espírita, que não é uma empresa, todavia possui bens tangíveis e intangíveis a serem gerenciados, portanto, pode se apoderar desses conhecimentos para olhar de fora para dentro e saber qual é a visão que a sociedade tem do centro espírita.

Aproveito, pois, o ensejo e convido o dirigente espírita a olhar a casa sob sua coordenação com o olhar de alguém que está de fora do centro espírita e também do movimento espírita.

Começemos, então, por nós mesmos a desenvolver esse olhar com algumas indagações, para só depois sairmos a campo, em pesquisa, objetivando saber, de fato, como as pessoas veem o centro espírita.

Eis algumas indagações pertinentes que podemos elaborar para resposta íntima: Como eu considero que as pessoas veem o centro espírita? Como eu julgo que a sociedade o enxerga? Será que pensam ser o centro um local onde se reúne para a prática da mediunidade apenas? Será que a comunidade onde a casa espírita está inserida a observa como um local de

prática da caridade? Será que as pessoas sabem sobre o tríplice aspecto da doutrina espírita?

Enfim, a questão não é como nós vemos e entendemos o centro espírita, mas como consideremos que a sociedade o observa. E para isto, obviamente, é imprescindível sermos muito honestos e isentos de visão preconcebida nas respostas que daremos a nós mesmos. Estas são apenas algumas das muitas interrogações que poderemos fazer quando experimentarmos olhar o centro espírita de fora para dentro.

E no que concerne à divulgação do Espiritismo, o tema desenvolvido neste texto é interessante porque proporcionará ferramentas para traçar os caminhos a seguir, de modo que poderemos, a partir das respostas de nossa consciência, remodelar ou não a forma de atuação do centro espírita que está sob nossa coordenação.

Ademais, se começo a olhar o centro espírita de fora para dentro, logo constatarei que tenho a necessidade de sair a campo, ou seja, aferir por meio de pesquisas realizadas em ambientes não espíritas, com pessoas não espíritas, a visão que elas têm do que é o Espiritismo e o centro espírita.

E ao criar o hábito salutar do questionamento a nós e à sociedade sobre o centro espírita, indubitavelmente poderemos traçar novas atividades a serem desenvolvidas para que o centro espírita tenha a máxima eficácia sob o aspecto de servir às pessoas.

Esse diálogo com a sociedade nos propiciará, por exemplo, saber quais os temas que ela – a sociedade – quer ver debatidos à luz dos princípios espíritas.

Poderemos, ainda, desenvolver palestras, seminários e outros eventos que sejam do interesse público, sempre, porém, analisados sob a ótica espírita e o Evangelho de Jesus.

Quanto mais atendermos aos apelos da comunidade onde a casa está localizada, certamente mais pessoas atrairemos e, conseqüentemente, mais gente terá contato com os postulados espíritas, com a imortalidade da alma, a reencarnação, mediunidade etc.

Ademais, inteirar-se do que as pessoas pensam da casa espírita denota profundo respeito e sentimento cristão em relação ao ser humano.

Relembrando, pois:

Primeiro passo: indagar a mim mesmo e responder com sinceridade como eu acho que a sociedade enxerga o centro espírita.

Segundo passo: sair a campo e pesquisar como as pessoas veem o centro espírita.

Com esses parâmetros teremos, como dirigentes responsáveis, importantes ferramentas para a tomada de decisão visando aperfeiçoar e melhorar sempre as atividades desenvolvidas na casa espírita, para melhor atender e servir a todos.

14 - Planejamento estratégico do Centro Espírita

Somos frutos do mais fantástico Planejamento Estratégico elaborado pelo Criador. Somos filhos de Deus, o perfeito Administrador do Universo.

O Pai não falha em seus propósitos e por isso estamos consagrados a alcançar o objetivo que Deus planejou para nós: a perfeição relativa.

Percebeu o leitor que comentamos sobre Planejamento Estratégico (PE)?

Mas, saindo do divino e abrindo as portas do humano, vejamos a interessante definição de Planejamento Estratégico do notável Peter Drucker:

Planejamento Estratégico é um processo contínuo, sistemático, organizado e capaz de prever o futuro, de maneira a tomar decisões que minimizem riscos.

Interessante que o admirável Peter Drucker em sua obra Introdução a Administração também define o que não é Planejamento Estratégico. Vejamos algumas de suas considerações sobre o tema:

Planejamento estratégico não é uma caixa de mágicas nem um amontoado de técnicas; quantificar não é planejar.

Não é previsão – ele se faz necessário por não se ter a capacidade de prever.

Não opera com decisões futuras. Ele opera com o que há de futuro nas decisões presentes.

Ele não é uma tentativa de eliminar o risco. É fundamental que os riscos assumidos sejam os riscos certos.

Esclarecedor, não é mesmo?

O mais bacana de tudo isso é que o PE não está apenas ligado ao mundo corporativo. Ele pode ser aplicado às demais instituições, tenham ou não fins lucrativos. Em face disso fica fácil entender que o centro espírita pode, também, apoderar-se do PE para traçar as tarefas que vai realizar.

Já comentamos em outros artigos sobre o diagnóstico da casa espírita e a relevância de identificar seus pontos fortes e fracos, ameaças e oportunidades. Pois bem, agora vamos elaborar o Planejamento Estratégico do centro espírita para que suas atividades tenham maiores chances de sucesso. No entanto, fica obviamente o questionamento:

Como planejar estrategicamente o centro espírita?

Partindo dos conceitos do admirável Peter Drucker de que PE é um ato contínuo e sistemático, vamos aplicá-lo, pois, na casa espírita. Naturalmente é preciso questionar: Qual a atividade que queremos planejar?

Primeiro passo é identificar uma necessidade.

Pois bem: identificamos que há um grande interesse da população em temas como reencarnação e comunicação dos Espíritos, por exemplo. Beleza! Esse produto é nosso. O Espiritismo explica de forma cristalina essas duas teses. E melhor: não engana o “consumidor”, mostra o produto verdadeiro, a reencarnação como ela é e também a melhor maneira de exercitar a comunicação entre encarnados e desencarnados.

A partir disso vamos elaborar um Planejamento Estratégico para suprir essa necessidade do público que anseia saber mais sobre o assunto. Obviamente que não teremos o mesmo êxito de esclarecer as pessoas se privarmos as nossas ações de um planejamento estratégico, ou seja, um ato sistemático e contínuo de refletir no que iremos realizar. Por isso é importante indagar:

Aonde queremos chegar? Obviamente a resposta a esta pergunta dará as diretrizes. Nesse caso a resposta é: Esclarecer o público. Depois tornamos a indagar: Como, então, fazer isso? Um exemplo quanto a isso é elaborar ações que deixem o centro espírita mais atrativo, convidativo para público não espírita.

Passemos para a narrativa de um fato que jogará luzes no que abordamos.

Na cidade onde resido, Bauru, interior de SP, há um exemplo clássico de ação nesse sentido. Todos os anos, no mês de novembro, o renomado orador espírita Richard Simonetti realiza no Centro Espírita Amor e Caridade sua palestra “Quem tem medo da morte”, do livro homônimo. Nem é preciso dizer que o centro nessas ocasiões torna-se um abrigo acolhedor, principalmente para os não espíritas. Eles – o público que não se diz espírita – comparecem em massa. Os coordenadores da casa identificaram a necessidade do público, planejaram a ação e alcançaram o objetivo de consolar os inúmeros corações aflitos abalados pela partida do ente querido. Eles operaram com os olhos no futuro, contando com as ferramentas do presente. Identificaram uma necessidade e planejaram as ações.

Outra atividade desenvolvida no centro espírita que pode ser incluída no Planejamento Estratégico é a formação de expositores espíritas.

Compartilharei com vocês mais um exemplo colhido em Bauru. Alguns integrantes da USE Intermunicipal Bauru identificaram o interesse dos colaboradores espíritas pela oratória e a dificuldade que algumas casas enfrentam para ter expositores espíritas. O que fizeram? Organizaram de forma sistemática um processo contínuo com os olhos no futuro, objetivando minimizar os riscos de que as casas espíritas se tornem cemitérios de expositores. Surgiu, portanto, o curso “Falando com Amor”, com o intuito de formar expositores espíritas para suprir essas duas necessidades: interesse pela oratória e dificuldade em encontrar expositores. Hoje o “Falando com Amor” já exporta expositores formados em suas fileiras não apenas para os centros espíritas de Bauru, mas, também, para diversas cidades da região. Utilizaram muito bem o Planejamento Estratégico.

Os organizadores do “Falando com Amor” não quantificaram, não fizeram mágicas; tampouco utilizaram um amontoado de técnicas. Eles simplesmente planejaram as suas ações. Identificaram a necessidade, formaram o grupo,

desenvolveram o que deveriam abordar e por isso a equipe vem obtendo expressivos resultados.

Mas, ainda assim, não podemos esquecer esse questionamento: Existirão riscos de não obtermos sucesso naquilo que viermos a planejar? Óbvio que sim. Contudo, planejar equivale a minimizar tanto quanto possível os riscos que vamos correr. Fácil concluir que quando planejamos nossas chances de sucesso crescem consideravelmente.

Para nossos estudos trago outro exemplo. Lembro-me de que determinada casa espírita decidiu implantar o trabalho de evangelização espírita em suas atividades. Uma das colaboradoras, sem qualquer traquejo para lidar com os jovens, foi “convocada” à importante missão, naquela velha história do “Vai que dá”.

Entretanto, não obstante sua boa vontade, faltava-lhe capacidade para coordenar atividades como as de evangelização infantil. Suas habilidades eram bem outras. O resultado certamente você já sabe, não é mesmo? Insucesso e evangelização interrompida. Onde eles erraram? Justamente não realizaram o planejamento estratégico, foram fazendo na base da chamada boa vontade sem qualificar o trabalhador. Boa vontade é importante, todavia é apenas uma face da moeda; à outra face damos o nome de planejamento.

Portanto, para que minimizemos as chances de incorreremos em equívocos nas atividades do centro espírita, que tal começarmos a planejar as atividades que vamos desenvolver?

Sempre é tempo de começar, realizar, aprender. Não deixemos, pois, de recorrer às ferramentas que o conhecimento humano proporciona para a obtenção do sucesso nas iniciativas desenvolvidas na casa espírita. Lembremos sempre que o conhecimento, seja da área que for, nunca deve ser discriminado, pois é presente de Deus para que alcancemos o objetivo primordial da caminhada: o sucesso, que podemos traduzir em diversas palavras: evolução, progresso, crescimento. Para isso, pois, é preciso planejar!

15 - Por que só romance no Clube do Livro?

Acho fascinante ler. Desde pequeno, incentivado pelos meus pais, aprendi o sabor agradável da leitura, que se tornou paixão a me acompanhar pela vida afora. E esta paixão me presenteou com o conhecimento espírita, que tive o prazer de entrar em contato por intermédio dos livros, principalmente os romances, os lindos romances espíritas.

Li muitos romances, aliás, até hoje aprecio esse gênero. Impossível não se identificar com os personagens, com as histórias, com os medos e angústias das figuras que vivem nos romances. É tudo tão semelhante a nós, tudo tão parecido com a nossa vida que é praticamente impossível não se deixar conquistar pelos romances espíritas.

Certamente vocês, caros leitores e leitoras, também já se identificaram com determinado personagem de romance, torcendo pelo seu sucesso, chorando seu fracasso, e até orando para que seu final fosse feliz.

Esta introdução foi para mostrar que adoro romance, sou realmente fã dos autores que escrevem romances, principalmente o romance espírita bem escrito que nos faz transitar pelos dilemas do personagem, ao mesmo tempo em que nos ensina os postulados libertadores da Codificação Espírita.

Por isso é natural e salutar que as pessoas, principalmente o leitor espírita, apreciem esse gênero literário; todavia, seria de bom alvitre que o leitor se aventurasse também a ler outros gêneros da rica e vasta literatura espírita. Sim, caro leitor e leitora, há leitura interessante e de boa qualidade além dos romances.

Há bons autores e autoras, criaturas dedicadas à pesquisa que produzem livros fantásticos e que não são romances, mas obras para consulta, estudo e pesquisa.

Por que se ater a apenas um gênero literário, quando existe um mar de opções que também acionam o raciocínio? Por que trancafiar as portas do aprendizado para outros livros que também ensinam e conduzem à evolução intelectual?

Isso é limitar a elástica capacidade que temos de pensar. Precisamos nos soltar mais, conhecer novas formas de aprender, experimentar o novo, ousar...

Por que digo isso?

Porque, com frequência, amigos salientam que só leem romances, que não apreciam outro tipo de gênero literário. Uma coisa é preferir, outra é moldar a casa mental e dar exclusividade a essa modalidade. Por que não tentar, caro leitor e leitora? Por que não buscar biografias, crônicas, contos, análises?

E nesse particular é grande o papel que pode desempenhar o dirigente espírita, conversando com os sócios do clube e inserindo também livros que não sejam romances nos clubes dos livros espíritas. Por que não tentar, experimentar?

Fica, pois, a sugestão ao dirigente espírita: intercalar os gêneros literários que são distribuídos nos clubes dos livros espíritas. Se os romances são os mais apreciados, dar-lhes, naturalmente preferência, mas colocar também outros gêneros entre um bom romance e outro, porquanto, caro leitor e leitora, com toda certeza há também boa literatura espírita além dos romances. Basta se aventurar.

16 - Portadores de necessidades especiais no Centro Espírita

A Doutrina Espírita deve estar acessível a todos, sem distinção. E quando falamos que o seu acesso deve ser permitido e facilitado a todos, estamos nos referindo também aos portadores de necessidades especiais que, diga-se de passagem, não são poucos em nosso país.

Estima-se que temos em território nacional mais de 20 milhões de pessoas portadoras de necessidades especiais. No entanto, alguns estudiosos no assunto, como, por exemplo, o especialista em esportes adaptados para deficientes físicos Steven Dubner, afirmam que são mais de 30 milhões de pessoas no Brasil portadoras de necessidades especiais.

Diante deste número expressivo e em face da importância do que podemos aqui chamar de inclusão espírita, se faz imperioso um olhar atencioso por parte do dirigente espírita para com este público, incluindo-o nas atividades desenvolvidas pela Casa Espírita.

Facilitar, portanto, o acesso dos portadores de necessidades especiais ao centro espírita, à informação espírita e, naturalmente, à Doutrina Espírita é tarefa das mais urgentes e que não pode ser desprezada.

Por isso, sugiro que nós espíritas pensemos com carinho na estrutura de nossos centros espíritas, fazendo algumas reflexões:

Será que estamos preparados para receber os portadores de necessidades especiais? Nosso centro possui rampas de acesso, banheiros adaptados etc.?

Outro ponto que é importante destacar refere-se aos deficientes visuais e auditivos. Devemos pensar neles também. Uma sugestão para o caso dos deficientes auditivos é qualificarmos nossos trabalhadores para oferecer palestras em LIBRAS, a linguagem brasileira de sinais. Por que não?

No caso dos deficientes visuais devemos trabalhar de forma mais ativa a confecção de livros em Braille, por exemplo.

São apenas sugestões, podemos, no entanto, debater mais para que cheguemos a um denominador comum.

Se a nossa Constituição é clara em afirmar que todo cidadão tem direito à saúde, educação, habitação, lazer, trabalho etc., não é menos verdade que esse mesmo cidadão deve ter seu acesso facilitado à informação espírita. Porém, cabe a nós espíritas proporcionar ao cidadão este direito.

Questão, portanto, de trabalharmos a cidadania dentro do centro espírita, conversando com nossos companheiros, buscando alternativas e mostrando os imperativos da inclusão, ou poderíamos chamar de não exclusão. Afinal, uma doutrina democrática como a espírita não pode nem deve oferecer qualquer empecilho ao seu conhecimento.

Obviamente que é um assunto longo e não se tem aqui a pretensão de esgotá-lo, porém, a ideia é trazer à baila o tema, para que possamos estudá-lo e, assim, proporcionar ao público em geral aquilo que convencionamos chamar aqui de inclusão espírita.

17 - Produtividade no Centro Espírita

Produtividade é um processo contínuo que extrai do funcionário motivado sua maior capacidade, visando obter melhores resultados com mínimo de tempo e esforço despendidos para as tarefas.

O fator humano é fundamental à maximização da produtividade de Bens e Serviços, sendo, portanto, imprescindíveis a atualização e o treinamento do profissional para que a produtividade seja algo além de um processo, constituindo-se em um estado de espírito. Notadamente o fator humano é fundamental em qualquer circunstância. É por meio do fator humano que novas ideias surgem e a tecnologia evolui, facilitando todo e qualquer processo. E tudo se completa: a produtividade requer o aperfeiçoamento constante do Homem e o aperfeiçoamento constante do Homem desemboca em uma maior produtividade.

E, como é sabido, aumentar a produtividade é necessário. Dentro da realidade empresarial, no que tange aos objetivos dos líderes, o aumento de produtividade é um assunto constantemente comentado. Nesse particular, esforços são realizados, cursos proporcionados, treinamentos ministrados, ferramentas implementadas e reuniões realizadas visando buscar um patamar maior de produtividade com o intuito de maximizar os lucros.

Mas, não para por aí... Interessante a produtividade ser algo além de um processo, constituindo-se em um estado de espírito, além, obviamente, do aspecto bem colocado da importância do valor humano na questão produtividade.

Portanto, ao ser dada essa definição à produtividade, os horizontes estão abertos para além do mundo empresarial. A produtividade cabe em todo e qualquer lugar. Onde houver recursos a serem administrados, a produtividade estará inserida no contexto. E importante salientar que, sendo a produtividade também um estado de espírito, fácil é concluir

sua correlação com a melhoria contínua, o aperfeiçoamento, o não ao comodismo e a labuta incessante pela melhoria.

A produtividade extrapola o limite do simples produzir mais, pois nela está contida a mentalidade da evolução. O processo de aperfeiçoamento que impõe a produtividade é a mola propulsora que faz descobrir novos procedimentos e formas de aperfeiçoar ou executar determinadas tarefas.

Este conceito de produtividade é compatível com os ensinamentos do Espiritismo, que, diga-se de passagem, é uma Doutrina jovial, que advoga a causa do aperfeiçoamento contínuo, da melhoria, da busca pelo progresso. É o próprio Codificador que diz isso em artigo publicado na Revista Espírita de agosto de 1865: *“... o Espiritismo tende para a regeneração da Humanidade, este é um fato adquirido. Ora, esta regeneração não podendo se operar senão pelo progresso moral, disto resulta que seu objetivo essencial, providencial, é a melhoria de cada um...”*.

O Espiritismo fala com propriedade a respeito da melhoria do indivíduo. A produtividade também discorre sobre o assunto, portanto, pode-se perfeitamente buscar a produtividade nas mais diversas atividades que são desenvolvidas no Centro Espírita.

Na questão que envolve o labor na área da mediunidade, por exemplo, como inserir a questão da produtividade? Como ser um médium ou um dirigente mais produtivo?

Uma das formas de conseguir uma maior produtividade na área do intercâmbio com os Espíritos encontra-se bem delineada em *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIX, nº 333.

Com a palavra o Codificador: *“Quando as reuniões se efetuam em dias e horas certos, eles (os Espíritos) se preparam antecipadamente a comparecer e é raro faltarem”*.

Reuniões nas quais seus membros se atrasam, nada se preocupando com o horário, tendem a ser pouco produtivas, porquanto o atraso por si só, além de sinal de desrespeito, ocasiona fadiga naqueles que esperavam o início da reunião. Nenhuma empresa alcançará o objetivo de aumentar a

produtividade se não primar pela regularidade, ordem e disciplina, pois estes são fatores fundamentais para o sucesso de qualquer empreitada; com a atividade mediúnica ocorre o mesmo. Para que o médium possa de fato ser intermediário de comunicações produtivas se faz imperiosa sua adesão ao regime da disciplina, porquanto, os Espíritos também têm suas ocupações e atividades, e não podem ficar à disposição dos encarnados ao bel-prazer. Compreende-se então que o fator humano, aqui exposto na figura do médium, é importante para que uma reunião mediúnica seja produtiva e alcance seu real objetivo de beneficiar criaturas do plano visível e invisível.

Outra atividade interessante para ser estudada à luz da temática produtividade são as palestras proferidas no Centro Espírita. O que é um orador produtivo? Será aquele que arreata, emociona, ensina, informa?

Como ser um orador produtivo? Será que basta somente o conhecimento espírita?

É uma boa questão para reflexão de oradores e dirigentes espíritas. Partindo da premissa de que a função do Centro Espírita é ensinar Espiritismo, a tarefa do orador é, sem dúvida, transmitir da melhor forma possível os postulados kardequianos. Portanto, uma das virtudes fundamentais do orador espírita produtivo é estar embasado nas obras basilares da Codificação. Mas como ser produtivo lidando com um público heterogêneo que procura o Centro Espírita pelos mais variados motivos? Nas palestras públicas muitos nunca ouviram falar sobre Kardec e sua obra. Como então ensinar Espiritismo?

A chave está em aliar o conhecimento espírita à sensibilidade em perceber o que o público aguarda, adaptando a mensagem, obviamente caracterizada pelo fundamento espírita à realidade dos ouvintes. Como ensinam os autores, a produtividade é algo além de um processo, constituindo-se em um estado de espírito. Portanto, o orador espírita produtivo vai além das palavras e estabelece conexão com o público. O orador espírita produtivo utiliza as ferramentas do estudo

espírita e da sensibilidade para produzir mais em prol da missão do Espiritismo, que veio para a regeneração da humanidade. O orador espírita produtivo está sempre se atualizando, estudando, pesquisando a Doutrina Espírita sem se esquecer da realidade do público, muitas vezes leigo em Espiritismo. O orador espírita produtivo transmite as lições do Espiritismo, mesmo as mais complexas, de forma simples e elegante.

Foram abordadas à luz da produtividade somente duas tarefas realizadas pelo Centro Espírita, todavia, em virtude da multiplicidade de trabalhos ofertados pelo Centro Espírita, a questão da produtividade pode e deve ser aplicada sempre, a fim de que o Espiritismo desempenhe de forma eficaz sua tarefa de transformar o mundo em um recanto de paz e harmonia para todos seus habitantes.

18 - Seriedade do trabalho no Centro Espírita

Sempre me chamou a atenção o caráter sério e respeitoso que Kardec imprimiu à Doutrina Espírita.

Riguroso observador, as lições originárias da espiritualidade só vieram a lume após criteriosas pesquisas envolvendo diversos médiuns nos mais diferentes locais do globo.

Por muitas vezes vemos o codificador se referir ao estudo, pesquisa e observação criteriosa e despida de preconceitos como sustentáculo imprescindível para a conquista do conhecimento.

E é esta questão referente à preocupação científica de Kardec que muitos desconhecem, chegando a pensar que o Espiritismo é obra exclusiva dele, julgando equivocadamente que a Codificação Espírita borbulhou na cabeça do filósofo francês, e ele a transcreveu em papel, conclamando alguns a segui-lo.

Muitos chegam até a ignorar a essência cristã do Espiritismo, e emitem opiniões descompromissadas com a seriedade, na base do leviano “Ouvi Dizer”. Aliás, essa questão do “Ouvi Dizer” é uma chaga social, onde diversas pessoas espalham mentiras abalando reputações e difamando instituições, baseadas nas famigeradas fofocas. Lamentável que muita gente se deixe envolver pela leviandade, esquecendo-se da seriedade que devemos tratar as informações que nos chegam. Se tudo transmitimos sem responsabilidade de checar a veracidade do assunto, seremos certamente multiplicadores da hipocrisia.

Ainda bem que Kardec não se guiava pelo “Ouvi Dizer”, mas sim pela análise racional da questão, e esse foi um dos motivos capitais que fez a Doutrina dos Espíritos frutificar e viajar pelas décadas, chegando aos dias de hoje com força total. Aliás, se Kardec se norteasse pelo “Ouvi Dizer”, sem pesquisar, observar e raciocinar nos conceitos oriundos da

espiritualidade, o Espiritismo teria se perdido como Doutrina, enfraquecendo-se à medida que incorporava toda e qualquer teoria sem prévia análise.

Por isso foi admirável e digno de registro a seriedade e o comprometimento com a verdade que teve Kardec na condução da codificação da Doutrina Espírita.

E é assim em todos os ramos da atividade humana. O êxito maior ou menor que conquistaremos está diretamente subordinado ao maior ou menor grau de seriedade que encaramos o assunto motivo de nossos estudos.

E aqui adentramos o trabalho desenvolvido no Centro Espírita, na importância de encará-lo com seriedade, imprimindo responsabilidade e amor naquilo que nos propomos a realizar; e imprimir seriedade e amor equivale a procurar o aperfeiçoamento contínuo, oferecendo um trabalho de qualidade à instituição a que estamos vinculados.

No campo da mediunidade, por exemplo, o médium não é médium apenas no Centro Espírita, mas sim em todas as horas de seu dia. Imperioso, portanto, que se esforce por vivenciar o Evangelho dentro e fora do Centro. O estudo necessita fazer parte de seu cotidiano para que ele não se torne fantoche de entidades desprovidas de senso moral. A propósito, em *O Livro dos Médiuns*, no cap. XXV, Das Evocações, Kardec ensina: “O médium deve evitar tudo o que possa transformá-lo em instrumentos de consultas, o que, para muita gente, equivale a ledor da sorte”.

A lição de Kardec demonstra que a mediunidade precisa ser encarada com seriedade, sem dar vazão a uma curiosidade irrelevante. Quem se ocupa do fenômeno mediúnico com preocupações fúteis, certamente encontra dissabores e aborrecimentos que poderiam ser evitados. Seriedade esta que deve também ser aplicada aos demais trabalhadores da Seara Espírita.

O voluntário que se dedica à área da filantropia, por exemplo, deve comparecer pontualmente nos dias de sua

atividade, porquanto, pior do que não ter voluntários é tê-los pela metade, sem saber se comparecerão ou não.

Se em nossa atividade profissional, atendendo a imperativos do mercado, somos impelidos à melhora contínua, o mesmo deve ocorrer com o trabalho na seara espírita.

Quanto mais capacitados moral e intelectualmente, mais eficazes instrumentos da espiritualidade seremos!

Outro ponto a destacar diz respeito à convivência com os demais colaboradores do Centro Espírita. Temos visto muitos colaboradores abandonarem as atividades voluntárias por se melindrarem com este ou aquele companheiro, aborrecendo-se com querelas. Compreensível que ninguém queira ficar em um lugar onde não se sente à vontade. Quando o trabalho no Centro Espírita deixa de ser prazeroso para se tornar uma dorida obrigação, é hora de rever algumas posições. Contudo, um pouco de compreensão não faz mal a ninguém. Diálogos baseados no respeito e seriedade tendem a colocar ponto final em muitos mal-entendidos.

Alimentar e cultivar conversas paralelas, baseadas no já citado “Ouvi Dizer”, não condizem com a seriedade que deve existir no trabalho espírita, porque podem desestabilizar o grupo, comprometendo seriamente a atividade desenvolvida pela instituição. Então, novamente recorreremos ao bom senso do Codificador, que afirma: “Se um grupo quiser estar em condições de ordem, de tranquilidade, de estabilidade, é preciso que nele reine um sentimento fraterno. Todo grupo ou sociedade que se formar sem ter por base a caridade efetiva não terá vitalidade”.

Por isso, a seriedade no trabalho desenvolvido pelo Centro Espírita é importante, caro leitor; a seriedade nos livra da leviandade, indisciplina e acomodação, abrindo portas para o sucesso existencial, nossa verdadeira finalidade ao aportar neste planeta.

Reflitamos, pois, nos sábios ensinamentos ministrados pelo codificador para que atinjamos a excelência no trabalho desenvolvido no Centro Espírita.

19 - A USE e sua tarefa

A sigla USE significa: União das Sociedades Espíritas. A própria definição diz que o papel principal da USE em relação aos centros espíritas é servir de elo para o intercâmbio entre eles e o conseqüente fortalecimento e união do movimento espírita.

São apenas três letras que, se bem compreendidas, significam a sementeira da união e do trabalho em conjunto no cenário espírita.

E justamente a intenção da USE é ser mediadora das experiências que todos enfrentamos em nossa participação nas atividades desenvolvidas nos centros espíritas. Interessante, pois vai justamente ao encontro do que pede o mundo contemporâneo: trabalhar em grupo. E para trabalhar em grupo é necessário saber ouvir, respeitar e dividir experiências.

Experiências que, aliás, enriquecem a jornada humana e merecem ser compartilhadas. Experiências e ideias, quando são divididas, agregam enorme valor, porquanto a dúvida de um pode ser respondida pela vivência do outro, ou a solução para um desafio que enfrenta determinada instituição pode ter resposta nos conhecimentos de outra Casa. Eis a dinâmica da vida: dividir para enriquecer! Porque é também trocando experiências e vivências que conseguiremos galgar degraus na escalada evolutiva.

Portanto, engana-se quem pensa ser a USE entidade fiscalizadora das atividades desenvolvidas pelas Casas Espíritas. Ela – a USE – é fruto do esforço e empenho do movimento espírita de nossa cidade e região e tem caráter democrático, jamais ditador. Seu objetivo é servir, porque o Mestre assim recomendou. Mas para que cumpra fielmente seu objetivo é necessário que se faça entendida e compreendida pelos centros espíritas e suas lideranças. Daí a relevância do presente editorial, pois afirma que a USE Intermunicipal Bauru

está disposta a atuar servindo, colaborando, auxiliando e, sobretudo, interagindo.

Aliás, como instituição fiel aos princípios trazidos pela espiritualidade e tão bem codificados pelo notável pedagogo francês, a USE respeita a liberdade de ação dos centros espíritas, orientando-os sempre a caminhar ao lado de Jesus e Kardec.

Entende-se também que a atuação da referida instituição está vinculada à postura dos dirigentes espíritas. Quanto mais empenhados em cumprir as dignas tarefas propostas pelo Espiritismo, mais forte a USE e, conseqüentemente, mais ativo o movimento espírita da região onde estão inseridos.

Portanto, está explícito que UNIÃO e TRABALHO são palavras de ordem, porque somente trabalhando unidos alcançaremos o objetivo de divulgar com fidelidade a Doutrina Espírita.

Eis aqui duas magníficas forças à disposição de todos para a construção de um movimento espírita forte: União e trabalho.

União, que significa nossa interação com os membros de outras Casas Espíritas.

Trabalho, que significa o empenho em disponibilizar nossas habilidades para a realização de tarefas na seara espírita.

A USE, pois, pretende servir às Casas Espíritas divulgando a importância da união e do trabalho, porquanto assim cumprirá com excelência o seu papel de conectar os centros espíritas na gratificante missão de levar ao mundo a clara mensagem deixada pelo Cristo e tão bem explicada por Allan Kardec.

20 - A pesquisa da revista **IstoÉ** e a juventude espírita

A pesquisa realizada pela revista **IstoÉ** há algum tempo, pertinente ao assunto juventude e sua relação com o Criador, causou alvoroço no meio espírita. Alguns confrades levantaram-se contra a reportagem exigindo atitudes de reparação por parte da revista; outros, como o amigo Astolfo Olegário de Oliveira Filho, de Londrina-PR e editor da revista eletrônica **O Consolador** – www.oconsolador.com – portaram-se de forma distinta e tocaram em ponto importante: a pouca instrução doutrinária dos jovens que se dizem espíritas e, no entanto, desconhecem os mais básicos princípios da Codificação Kardequiana, que é claramente contrária à pena de morte e ao aborto, este último consentido apenas no caso de perigo para a vida da gestante.

Todavia, a pesquisa realizada pela revista é um assunto que nos aponta novas frentes e raciocínios. O que mais nos chamou a atenção foi o baixo índice dos jovens que se dizem espíritas. Uma porcentagem pífia, irrisória, cerca de 1,4% dos jovens, segundo a revista **IstoÉ**, se dizem espíritas. Ora, em realidade, o número é bem menor, porquanto a qualidade de conhecimento doutrinário desses jovens inexistente e, inexistindo, naturalmente não podem ser considerados espíritas.

Diante disso, surgem duas situações:

1ª - O número de jovens espíritas no Brasil é pequeno, o que demonstra a carência da divulgação espírita para essa faixa etária.

2ª - Estamos com dificuldade na transmissão das ideias espíritas. É preciso, sem dúvida, sermos mais claros e objetivos no que compete à comunicação espírita, principalmente para crianças e jovens.

Uma pergunta: será que estamos repassando Kardec aos jovens que chegam aos centros espíritas? Será que os

fundamentos kardequianos vêm sendo estudados com afinco e coerência pela juventude?

É necessário, antes de mais nada, fazer uma real avaliação: os jovens de hoje não são os jovens de ontem, logo faz-se mister promover a divulgação das obras de Kardec de forma compatível à juventude de hoje, adaptando a divulgação aos novos tempos.

É uma questão prática e urgente: ou nos mobilizamos e fazemos um planejamento para a divulgação maciça e coerente do Espiritismo para a faixa etária que abarca os jovens e as crianças, ou corremos o risco de vermos os esforços de Kardec e dos filósofos da espiritualidade tardarem um pouco mais para serem implantados, adiando ainda mais o despertar da consciência humana para as realidades que vão além da efêmera existência física.

Nesse sentido, é grande a responsabilidade de quem esposa a tarefa de transmitir os princípios espíritas a crianças e jovens, porquanto serão os jovens os herdeiros do Espiritismo e responsáveis por levar adiante as lições da espiritualidade, sensibilizando, consolando, instruindo, esclarecendo...

Imperioso que os dirigentes espíritas reforcem o ensino espírita nos centros que estão sob sua coordenação, que ofereçam cursos de estudos e reciclagem para aqueles que se arvoram na sublime tarefa de se relacionar com os jovens e crianças. A Codificação deve ser respeitada e estudada, de forma simples, objetiva, dinâmica e atual. Importante falar a linguagem da juventude, demonstrando a aplicabilidade dos princípios espíritas no mundo em que estamos inseridos, dentro do contexto de mudanças e rápida evolução.

A grande questão é: não podemos falar de Espiritismo para os jovens de hoje como falávamos para os jovens de ontem, porque as situações se apresentam de forma distinta e conforme as conveniências dos novos tempos. Não se trata de modificar a Codificação, nada disso. A sua base é irretocável, mas é preciso trazê-la para a atualidade, porquanto suas diretrizes são atuais e moldam-se às exigências do mundo

contemporâneo. Este foi um dos grandes legados de Kardec: deixar a Codificação flexível e adaptável à realidade em que estão mergulhadas as pessoas.

Dentre as grandes virtudes do codificador estavam sua capacidade de comunicação e o espírito visionário que enxergava além de seu tempo. Essas virtudes deixaram o campo aberto para as novas gerações, ou seja, o Espiritismo não anda engessado, preso ao século XIX, mas aberto às perspectivas e situações do século XXI e seus posteriores.

Portanto, importante fazer uma leitura da pesquisa realizada pela revista e utilizá-la como elemento para planejamento de atividades doutrinárias, pois, do contrário, o Espiritismo corre sério risco de ficar ainda mais afastado dos jovens e crianças.

21 - Maximizando o lucro do Centro Espírita

Não estranhe o título do artigo acima, caro leitor. Obviamente, passa longe a ideia de transformar o centro espírita em Wall Street. A intenção é, naturalmente, dar um outro enfoque para a palavra lucro, muito mais abrangente do que apenas o seu caráter pecuniário.

Maximizar o lucro em uma instituição espírita representa atingir a excelência nos trabalhos prestados às pessoas, seja de ordem doutrinária, ou, também, de promoção humana. Quanto melhor a qualidade dos serviços oferecidos pela Casa Espírita, mais alto será o seu lucro, mais benefícios ela espalhará pela comunidade e, conseqüentemente, pela Terra. Portanto, esta deve ser a meta constante, a busca permanente dos coordenadores dos centros: atingir a excelência para, então, maximizar os lucros, ou seja, esclarecer mentes, consolar corações, motivar ao trabalho edificante, divulgar o Evangelho de Jesus e fazer com que se compreenda Kardec em sua essência pura e simples.

E para maximizar esses lucros no centro espírita é necessário fazer um diagnóstico da Casa Espírita. E como fazemos um diagnóstico da Casa Espírita? Desta vez, leitor amigo, recorro a uma frase proferida pelo confrade Edgar Miguel, atual presidente da USE Intermunicipal Bauru. Afirma Edgar: “É preciso pensar o Centro Espírita e fazer um diagnóstico de sua realidade”.

Em recente reunião da USE Intermunicipal Bauru, o próprio Edgar foi quem apresentou uma eficaz ferramenta para diagnóstico da Casa. O leitor mais familiarizado com assuntos pertinentes à ciência da Administração certamente já ouviu referência sobre a análise FOFA.

A análise FOFA também denominada de SWOT, termo inglês, é uma ferramenta destinada a estudar a instituição. As empresas em geral utilizam a análise FOFA para elaborar um

diagnóstico de sua realidade. Quais são nossas Forças e Fraquezas, nossas Ameaças e Oportunidades. É uma espécie de “Conhece-te a ti mesmo” do mundo empresarial. No entanto, é perfeitamente aplicável nos centros espíritas.

As duas letras iguais significam as Forças e Fraquezas e dizem respeito ao seu ambiente interno. Para efeitos didáticos citaremos alguns exemplos de Forças e Fraquezas das Casas Espíritas.

Quais são minhas forças?

Forças: Bons oradores, a própria mensagem consoladora da Doutrina Espírita, estrutura física bem distribuída, voluntários capacitados...

Passemos para as Fraquezas, quais são elas?

Fraquezas: Carência de grupos de estudo, falta de voluntários, local inadequado para a realização das atividades e tantos outros que a análise irá apontar.

As outras duas letras, O e A, significam Oportunidades e Ameaças.

Quais são as oportunidades para a Casa Espírita?

Aproveitar bem a abertura da mídia, trabalhar de forma eficaz com a credibilidade conquistada em virtude dos inúmeros trabalhos sociais desenvolvidos, esclarecer as pessoas quanto a temas de interesse geral, como, por exemplo, a reencarnação e comunicabilidade dos Espíritos, haja vista que são assuntos do interesse do público etc.

Ameaças para a Casa Espírita?

Ideias materialistas, preconceito, falta de tempo das pessoas para atividades de cunho espiritual...

Depois de efetuar a análise da Casa Espírita e em posse de informações como essas, o próximo passo é elaborar ações que visem implantar atividades e corrigir imperfeições, aproveitar oportunidades e combater as ameaças, lembrando que Forças e Fraquezas referem-se ao ambiente interno e Oportunidades e Ameaças espelham o ambiente externo da Casa.

Tudo isso visando, obviamente, leitor amigo, à maximização do lucro do centro espírita, ou seja, espalhar as bênçãos e luzes do Evangelho de Jesus tão bem explicado por Allan Kardec. Na contabilidade divina os lucros advindos de um coração consolado ou uma mente esclarecida são apresentados da maneira mais bela possível: um mundo melhor, mais equilibrado, solidário e fraterno.

Portanto, vamos fazer com que o centro espírita lucre muito e seja uma Casa que distribui milhões, milhões de felicidade, amor, paz, alegria...

E para isso, como diz o nosso confrade Edgar: Vamos pensar a Casa Espírita? Vamos aplicar a análise FOFA em nossa Casa?

22 - Fora do Centro Espírita

Milhares de pessoas sofrem por desconhecimento dos princípios básicos da constituição divina. Ignoram leis como ação e reação, influência dos Espíritos na vida dos encarnados, importância da prece e de manter o padrão vibratório em sintonia com a espiritualidade maior etc. Milhares de pessoas transitam pela Terra sem nem sequer imaginar o que estão fazendo aqui, desconhecendo, portanto, os objetivos da existência humana, ou seja, de sua própria existência. Vivem por viver, portam-se como autênticas máquinas biológicas; alimentam-se, dormem, acordam e trabalham completamente alheias a outras circunstâncias da vida. Essa falta de ciência das leis divinas é extremamente prejudicial para o progresso do Espírito que temporariamente está reencarnado. Por isso são inúmeras as pessoas que se suicidam direta ou indiretamente. Diretamente, quando desalentadas aniquilam o corpo físico. Indiretamente, quando minam a golpes de irreflexão o envoltório carnal que lhes serve de instrumento sagrado para o progresso.

Em face desta realidade é que se torna fundamental estender as ideias reveladas pelos Espíritos para além das paredes do centro espírita.

A questão não se resume a retirar pessoas de determinada religião e transformá-las em espíritas, mas sim modificar corações e esclarecer mentes por meio das realidades trazidas a nós pelos imortais.

E como, então, estender as lições da espiritualidade para além do horizonte do centro espírita, de modo a deixá-las mais acessíveis ao maior número de pessoas?

Dentre as tantas maneiras de massificar a Doutrina Espírita, uma boa sugestão é programar palestras espíritas para espaços neutros, tais como escolas, casas de cultura, ginásios, clubes etc.

Tenho comparecido a muitas cidades para palestras e constatado que a realização de eventos espíritas em espaço neutro contribui para que mais pessoas se façam presentes.

Óbvio que fica a curiosidade: Por qual razão o público não espírita comparece em maior número quando a palestra é fora do centro espírita?

Difícil saber ao certo. Contudo podemos citar como algumas razões os chamados modelos mentais obsoletos que muita gente tem do centro espírita e o famigerado preconceito que, quer queiramos ou não, ainda existe.

No entanto, para quebrarmos esse paradigma e oferecermos ao público o que é de fato o Espiritismo, é imperioso trabalhar com criatividade. E não podemos deixar de concordar que promover palestras e outros eventos espíritas além do universo espírita é fazer uso da criatividade.

A propósito, a USE Intermunicipal Bauru realizou recentemente a feira do livro espírita em uma praça no centro da cidade de Bauru, bem em frente de uma tradicional igreja. Foi sucesso total. Muita gente saía da missa e procurava a barraca de livros para se informar mais sobre o Espiritismo.

Buscavam livros de conforto e esclarecimento; queriam saber se é possível reencontrar os entes amados que se foram e tantas outras inquietações que deixam o coração humano em sobressalto.

Outra experiência de sucesso, de que certa vez tive o prazer de participar, é a feira do livro espírita da cidade de Jaú, realizada em um Shopping Center da cidade. Que maravilha! Quanta gente nova que ouviu falar de Espiritismo numa iniciativa desse quilate.

Citei as duas cidades, porém sei que empreendimentos como esses espalham-se por todo o território nacional.

Peço licença para narrar uma experiência. Em uma das localidades pelas quais passei recentemente pude verificar na palestra uma quantidade grande de pessoas que se declarava não espírita. Acharam interessante o tema e compareceram

para saber de que se tratava. Estiveram presentes católicos e praticantes de diversas outras filosofias de vida.

Todos saíram do recinto curiosos para saber mais sobre Allan Kardec, André Luiz, Emmanuel, Jerônimo Mendonça e tantas figuras históricas de nossa doutrina.

Por isso deixo para sua análise, caro dirigente: pense seriamente na possibilidade de promover palestras e outros eventos espíritas em ambientes neutros. Vale lembrar que não faço apologia contra o centro espírita. O centro é nossa escola e oficina de trabalho, jamais o abandonaremos! Todavia, considere a ideia de estreitar os laços com sua comunidade.

A iniciativa indubitavelmente será excelente para a sociedade, pois em posse de informações como a imortalidade da alma, comunicabilidade dos Espíritos, pluralidade dos mundos habitados, lei de ação e reação etc., certamente muitos desvios comportamentais, suicídios, abortos e crimes serão evitados.

Um romantismo descabido e ingênuo de minha parte?

Creio que não. É só termos paciência e semearmos o bem, divulgando as leis da vida enunciadas pela nossa incomparável Doutrina Espírita. E em futuro não muito distante poderemos não ter os centros espíritas abarrotados de gente, todavia teremos um planeta repleto de pessoas conscientes de seu papel na sociedade e certas de que a vida, seja aqui ou além, não cessa jamais.

23 - Um bom motivo para sair do Centro

Nas viagens que realizamos em palestras de divulgação da Doutrina Espírita colhemos diversas experiências com os confrades e confreiras. Experiências que não podem ficar apenas em nosso rol de conhecimento e, por isso, sentimo-nos com o dever de compartilhar com os demais.

E nessas visitas fui até Promissão, cidade no interior de São Paulo com pouco mais de 30 mil habitantes, e tive o prazer de verificar a união do movimento espírita do município. A construção de centros espíritas ocorre em processo interessante: os espíritas verificam os bairros onde existe maior carência material e espiritual e, juntos, sob a égide do amor, arregaçam as mangas e constroem centros espíritas. Maravilha! Um movimento unido, coeso, em compasso com os princípios de fraternidade, pois, como foi relatado, os centros espíritas são construídos porque há necessidade, ou seja, existe a carência material e espiritual em determinado bairro e lá vão os trabalhadores da seara do Cristo arregaçar as mangas para erguer o educandário da mente humana na Terra, conforme tão bem descreve o orador Raul Teixeira a respeito da Doutrina Espírita.

Observe, caro leitor: os centros foram construídos não porque as divergências existiam aos montes e a convivência tornava-se insuportável. Nada disso! Os centros espíritas da cidade foram construídos pelo simples e irrefutável motivo da necessidade. Mais interessante: houve o apoio das casas espíritas mais antigas. Dirigentes de outras instituições espíritas deram formidável exemplo de união e companheirismo, mostrando a conexão com os princípios de fraternidade preconizados pelo mestre Jesus. A propósito, as divergências existem porque somos seres diferentes, com pensamentos, sentimentos e visões de mundo completamente díspares. Portanto, a divergência sempre estará presente, mas

que não seja ela o motivo das separações de agremiações espíritas como algumas vezes ocorre.

Não raro, ouço de companheiros: Compramos um terreno e construímos um centro espírita. Eu digo: Ótimo! Mas o ótimo perde um pouco o brilho quando explicam as razões da iniciativa: Não havia mais clima para continuarmos na casa, não nos dávamos bem com a diretoria e a única alternativa que encontramos foi sair. Uma pena! Tudo poderia ser diferente se nos dispuséssemos a agir conforme ensina o Evangelho de Jesus, ou seja, compreendendo sempre e colaborando infinitamente, vencendo antipatias e conquistando simpatias e afetos.

Mas é óbvio que não podemos ignorar a realidade: estamos na Terra, planeta de provas e expiações, cujos Espíritos ainda se encontram em processo de lutas íntimas constantes. Todavia, isso não pode nem deve ser impeditivo para a harmonia.

Aliás, se além do Evangelho observássemos o que está escrito em a Lei de Sociedade na magnífica obra *O Livro dos Espíritos*, eliminaríamos a maioria dos problemas de relacionamento que tanto perturbam e inquietam as pessoas, atrapalhando, naturalmente, o bom andamento das instituições.

O exemplo de Promissão mostrou que há, sim, um bom motivo para sairmos do centro: construirmos outro, sob as diretrizes do amor, deixando, portanto, as portas da outra instituição abertas para o intercâmbio salutar de experiências redentoras.

24 - Participação em Eventos Espíritas

A união é requisito básico para o sucesso de qualquer empreendimento. Ambientes em que a união inexistente desmoronam como castelos de areia. Óbvio: necessitamos uns dos outros e, naturalmente, se precisamos do contato com o semelhante, é claro que caminhar unidos é muito melhor do que desunidos. Unidos somamos forças e crescemos individual e coletivamente.

Desunidos, somos vozes soltas na multidão. Ecos desorganizados pelo universo a clamar desesperada e inutilmente atenção. Unidos, contudo, nossos apelos têm a força incomparável da união. Palavras do Mestre: “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei”.

Referia-se Jesus à importância da união. E estar unido, indubitavelmente, significa caminhar juntos, com os olhos voltados a objetivos comuns. Inadmissível, portanto, união sem participação, troca, interação.

Lógico, fácil é compreender que o Movimento Espírita está inserido nesta regra da união.

Movimento unido equivale a espíritas participando dos eventos promovidos pelas Casas Espíritas e os Órgãos de Unificação. Palestras, seminários e encontros organizados pelas instituições espíritas devem ser prestigiados pela comunidade espírita, porquanto se nós, espíritas, não comparecermos aos eventos que promovemos, como almejarmos que o público leigo compareça? O exemplo, pois, deve começar dentro de casa, ou seja, em nosso movimento.

E nesse particular a responsabilidade daqueles que estão coordenando as atividades nos centros espíritas é grande. Eles – os dirigentes – têm o dever de informar os frequentadores do centro espírita sobre a programação dos eventos espíritas de sua cidade e região. Daí a necessidade de o dirigente espírita estar sempre em contato com outros confrades, trocando

informações, para ser a ponte segura que faz a conexão entre os frequentadores e o movimento espírita.

É fundamental o dirigente espírita criar o saudável hábito de informar os frequentadores do centro do que está acontecendo fora das paredes da instituição.

Caro dirigente, incentive os frequentadores a participar de eventos, palestras e seminários organizados por outras Casas. Prestígie os esforços dos Órgãos de Unificação que se desdobram para trazer oradores e organizar eventos, de modo a oferecer à comunidade conhecimentos que possibilitam um caminhar mais seguro por este planeta.

Não há nada que pague a alegria de observarmos um evento recheado de gente de várias cidades trocando ideias e interagindo. Certamente ali estará Jesus, como ele mesmo afirmou milênios atrás: “Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei”.

25 - Endomarketing no Centro Espírita

Endomarketing, o nome presente no título do artigo acima pode soar estranho ao leitor menos familiarizado com os termos aplicados rotineiramente em algumas empresas.

Trata-se, numa explicação sucinta, de ações implantadas dentro da própria empresa visando beneficiar os funcionários. Em outras palavras, é o marketing com o foco interno.

A ideia basicamente gira em torno dos dividendos dessas ações: é um ciclo que se inicia na satisfação dos funcionários e deságua no atendimento das necessidades dos clientes externos.

Capacito meu colaborador com um olho em seu crescimento pessoal e outro, naturalmente, no crescimento da empresa. Assim todos ganham.

Exemplo de endomarketing: uma empresa propicia treinamento sobre técnicas de oratória aos seus colaboradores. Outro exemplo: campanha para despertar a importância da leitura na formação pessoal e crítica do colaborador.

As situações em que o endomarketing pode ser aplicado variam ao infinito, obedecendo à criatividade de quem coordena a iniciativa.

Você perguntará: Mas o que o centro espírita tem a ver com o endomarketing?

A resposta é simples: tudo!

Pode-se perfeitamente aplicar o endomarketing na Casa Espírita visando capacitar e motivar os colaboradores, sejam eles coordenadores de reunião mediúnica, dirigentes, voluntários e demais trabalhadores.

Primeiro passo é identificar as necessidades daquele grupo. Percebeu-se que determinado grupo de reunião mediúnica está derrapando quando o tema é diálogo entre os participantes. Identificada a carência, surge a oportunidade de aplicar o endomarketing, ou seja, as ações destinadas a beneficiar os membros daquela reunião. Pode-se, portanto, organizar um

estudo sobre determinado livro que versa sobre a união, diálogo, companheirismo.

Outro exemplo: identificou-se que o centro espírita tem poucos expositores. Novamente utiliza-se o endomarketing como ferramenta para suprir a necessidade da Casa.

Organiza-se, pois, um grupo destinado a formar expositores espíritas.

O endomarketing é perfeitamente aplicável em centros espíritas de todos os tamanhos, desde as casas com grande número de colaboradores até aquelas cujo número de colaboradores é pequeno.

Porém, o melhor da aplicação do endomarketing na Casa Espírita é que os trabalhadores irão crescer sob todos os aspectos, inclusive o espiritual. E não podemos deixar de registrar que a evolução de todos os componentes de uma instituição espírita enseja benefícios gigantescos em prol da divulgação do Espiritismo.

Quanto mais capacitado estiver o trabalhador espírita, mais apto ele estará para receber as pessoas que desembarcam no centro espírita ansiando consolo e esclarecimento.

Vale pensar na ideia do endomarketing para o centro espírita.

Qualificar os trabalhadores trata-se de investimento seguro na divulgação do Espiritismo. Iniciativas simples como a implantação do endomarketing ofertarão benefícios a todos, sejam trabalhadores do centro ou frequentadores, os quais, num futuro próximo, observando os exemplos dos colaboradores, certamente não titubearão em fazer parte da Casa que os recebeu com excelência de qualidade.

26 - Sugestão para o Evangelho no Lar

Inegável o valor das lições evangélicas no desenvolvimento moral da criatura humana. Quanto mais cedo se der o encontro do indivíduo com a mensagem cristalina de Jesus, que exalta o amor, o perdão, a benevolência, a compreensão, maiores serão as chances de sucesso existencial. O Evangelho é, portanto, sublime roteiro de vida.

Partindo dessa premissa, não obstante as minhas limitações, busco inserir Jesus no cotidiano de meus filhos.

Foi pensando nisso que instituímos em casa o Evangelho no Lar e realizamo-lo aos domingos, há algum tempo. Porém, eu não tinha a pedagogia necessária para entretê-los nos estudos. Ficava aquela coisa chata, maçante, e percebia que os resultados não eram animadores. Para eles, aqueles minutos constituíam-se em aborrecimentos. Até que, por um desses “acasos”, certo domingo sentamo-nos em frente ao micro que estava ligado. Lemos um trecho evangélico e preparava-me para a explicação quando o garoto pediu-me para procurar na internet sobre Jesus e suas parábolas. Relutei um pouco, talvez condicionado a considerar que aqueles momentos eram incompatíveis com internet. Todavia, ante seu olhar faceiro, quebrei as algemas do meu modelo mental obsoleto e busquei as parábolas do Mestre na rede mundial de computadores.

Bingo!

Encontrei vasto material para crianças e jovens, com desenhos animados narrando a epopeia de Jesus na Terra e mensagens belíssimas que transmitem as lições do Nazareno de forma lúdica e didática para os pequenos.

A partir de então nossas reuniões tornaram-se agradabilíssimas.

Os dois aguardam com ansiedade o domingo à noite e não raro emocionam-se com os feitos de Jesus. Querem saber mais sobre Pedro e sua reabilitação após negar o Mestre.

Entristecem-se ao saber que Judas sucumbiu. Enfim, após inserir os vídeos como material de apoio em nossas reuniões, verifiquei que os benefícios foram inúmeros. Eles, agora, prestam atenção na leitura e nos ensinamentos. Dia desses até espantei-me com o menino pedindo desculpas à irmã, coisa que antes não fazia.

Questionei-o sobre seu comportamento humilde, e ele, lembrando-se do vídeo em que Jesus ensina o perdão, explicou na simplicidade própria das crianças:

– Aprendi com o desenho do menino Jesus!

Se você tem acesso à internet e filhos pequenos, experimente realizar o Evangelho no lar apoiado pela tecnologia dos equipamentos ao seu dispor. As crianças e jovens irão apreciar e indubitavelmente os resultados serão positivos.

Abençoada tecnologia que nos proporciona ferramentas magníficas para fazer com que prolifere a mensagem evangélica.

E pensar que muita gente a considera coisa do...

Perdoai-os, Senhor, eles não sabem o que dizem!

27 - Trabalho voluntário: ampliando nosso mundo e derrubando preconceitos

Há algum tempo, declarações polêmicas do deputado federal Jair Bolsonaro (RJ) trouxeram à tona novamente a questão do preconceito racial e homofóbico. ⁽¹⁾

Sem dúvida, é assustador ver e ouvir, em um veículo de comunicação, afirmações que soam mal aos ouvidos, principalmente provenientes de alguém que supostamente teria sido eleito a um cargo público para defesa dos interesses dos cidadãos.

Contudo, não nos surpreende que atos desse tipo ainda sejam presentes na sociedade humana. Nem mesmo, os ataques de todos os tipos, inclusive com ofensas pessoais, que agora sofre o deputado em questão.

O preconceito e a discriminação são parte integrante dos grupos sociais, infelizmente.

Os mais evidentes, logicamente, são os que se referem à cor, à preferência sexual e à classe social. Contudo, há outras ações que raramente são vistas como preconceituosas e que, via de regra, levam a atos discriminatórios. As questões religiosas, por exemplo. Não faz muito tempo, um grupo de jogadores do Santos deixou de visitar uma casa que atende crianças carentes tão somente por preconceito instigado por apelo religioso. Porém, quando se fala que “tal igreja é um caça-níqueis”, quando se diz que “aqueles outros adoram imagens”, ou, pior, que “devemos compreender os irmãos de outras religiões que ainda não estão aptos a conhecer o que sabemos”, exercitamos nossa visão preconceituosa e discriminadora.

Muitas vezes, dentro de uma mesma congregação, percebemos a discriminação ou o preconceito. A 3ª Epístola de João (destinada a Gaio) já tratava desse assunto que leva à “divisão das casas”.

Não é difícil perceber que tais fatos decorrem da pequenez de nosso mundo. Se o mundo no qual vivemos é pequeno, não há espaço para o diferente. Todo espaço tem que ser ocupado somente por aquilo que nos agrada. Deixamos de aceitar qualquer fato que seja diferente. Assim, não nos damos chance de compreendê-lo, pois procuramos afastá-lo de nossa convivência.

O trabalho voluntário nos permite ampliar os horizontes desse mundo.

O exercício de atividades de forma espontânea, junto a uma comunidade diferente, formada por pessoas que pensam diferente, se comportam diferente, se vestem e até falam diferente, nos ajuda a ampliar o espaço de nosso mundo interior, ocupando-o com uma diversidade de riqueza incomparável que nos ajuda a melhor interpretar a nós mesmos.

Olhamos para o outro, e nos vemos de forma diferente. Projetando-nos no outro, melhoramos nosso entendimento da vida. E assim nos tornamos melhores.

E como disse João: “Amado, não sigas o mal, mas o bem. Quem faz o bem é de Deus; mas quem faz o mal não tem visto a Deus”. (III João, 11.)

⁽¹⁾ A partir deste capítulo, os textos foram escritos por Maurício Gonçalves de Moura e têm por alvo o voluntário espírita.

28 – Desafios do voluntariado no Século XXI: entendendo o propósito

Começamos pelo lema do Espiritismo, que dá título ao capítulo XV de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: “Fora da caridade não há salvação”.

Ainda sobre a Caridade, referimo-nos a um dos trechos mais belos relatados por Paulo de Tarso na 1ª Epístola aos Coríntios capítulo 13:1-3 que reproduzimos a seguir:

“Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens, e mesmo a língua dos anjos, se não tivesse caridade, não seria senão como um bronze sonante, e um címbalo retumbante; e quando eu tivesse o dom de profecia, penetrasse todos os mistérios, e tivesse uma perfeita ciência de todas as coisas; quando tivesse ainda toda a fé possível, até transportar as montanhas, se não tivesse a caridade eu nada seria. E quando tivesse distribuído meus bens para alimentar os pobres, e tivesse entregue meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso não me serviria de nada”.

O Apóstolo dos Gentios demonstra a perfeita compreensão do significado da Caridade. Compreensão que muitas vezes sentimos faltar a nós mesmos. Contudo, para não incorreremos no engano de tratar a caridade apenas como uma palavra, precisamos estar atentos a nós mesmos e à força que nos move em direção ao próximo.

Cito como exemplo a louvável iniciativa de algumas Instituições de Ensino Superior ao incluir programas de assistência social voluntária como parte das horas complementares que seus alunos devem cumprir.

Motivados por conteúdos inseridos nos programas dos cursos universitários, grupos de alunos devem cumprir determinadas tarefas que lhes garantem pontos como atividades complementares.

Sem dúvida, essa iniciativa pode ser o “empurrãozinho” de que muitos necessitam para descobrirem dentro de si a potencialidade de ajudar o próximo.

Contudo, observamos que em alguns casos a conclusão dessa ação dá-se somente no final do semestre letivo, quando os alunos estão mais desesperados por cumprir os requisitos administrativos, do que, de fato, apreender algo de novo.

No final do último ano, vivemos uma situação que ilustra o caso. Alunos de uma Universidade da cidade nos procuraram com a proposta de ajudar-nos na festa de Natal que realizaríamos para nossos pequenos da evangelização infantil.

Ficamos contentes com a inesperada oferta, mas lamentamos não poder aceitar a contribuição, diante das exigências impostas por nossos interlocutores. Elas iam desde a substituição do Papai Noel por alunos do grupo, na entrega dos presentes, até a alteração da data do evento para atender ao calendário do final de aulas da Universidade.

Explicamos ao representante do grupo que, muito embora fosse uma gentil doação que nos ofertava, nosso trabalho voluntário é pautado em um Projeto Pedagógico no qual o conteúdo, a forma e datas de aplicação são previamente planejados e têm propósito assistencial e educacional, enquanto o objetivo dos universitários era simplesmente entregar presentes, fotografar e fazer um relatório para o coordenador de seu curso.

Eles ficaram chateados e disseram que até para fazer caridade encontram-se dificuldades. Lamentável!

Para não incorreremos no mesmo engano, torna-se necessário que façamos da vontade de ajudar uma ação que integre aquelas que já existem, tentando no mínimo compreendê-las em seu propósito. É muito mais produtivo e eficaz do que imaginar as necessidades do outro e tentar persuadi-lo a aceitar nossa doação.

Recomendamos aos queridos jovens, bem como aos diversos corações bondosos que surgem na última hora, que numa próxima oportunidade ofereçam-se no início do semestre,

ou, ao menos, com certa antecedência, de maneira a contribuir de fato com a verdadeira necessidade do assistido. Toda ajuda é bem-vinda. Porém, a responsabilidade para com os resultados é de todos e, notadamente, daquele que conduz.

O prêmio do trabalho voluntário deve ser a realização pessoal de sentir-se útil.

29 – Desafios do voluntariado no Século XXI: o bem e o mal, qual o significado?

O que é o bem e o que é o mal? Independentemente do indivíduo para quem essa pergunta for dirigida, provavelmente teremos respostas similares. O mal é aquilo que nos causa algum tipo de prejuízo. O bem é aquilo que nos propicia benefícios.

Contudo, na maioria das vezes nos contentamos com a resposta e não paramos para analisar o fato concreto criador do ambiente em que ela foi gerada.

Imaginemos o caso de Anderson, morador de um bairro de periferia de uma dessas grandes cidades brasileiras. Um dia, Anderson chegou a sua casa depois de trabalhar mais de 12 horas apanhando papelão com seu carrinho e encontrou Dona Iracema, sua mãe, acamada e gemendo de dores no abdome.

Tratou logo de se banhar do jeito que deu, arrumou mais ou menos a roupa e os documentos da mãe, e andou escorando-a por cerca de 10 quadras até um Pronto-Socorro municipal, situado nas imediações de sua casa.

Chegando lá, aguardou por cerca de meia hora para um pré-atendimento, em que se verificou a pressão e a temperatura de Dona Iracema. Estavam alteradas. Logo o médico atenderia. Contudo, o tempo foi passando e acumulando mais e mais gente gemendo de dores. Alguns chegavam em situação de penúria, tal era o sofrimento.

A maioria das pessoas procurava se ajudar. Contudo, nada de algum médico atender.

Anderson começou a desesperar-se. Foi até o balcão e reclamou atendimento para a mãe. A enfermeira nem mesmo lhe dirigiu o olhar. Respondeu que não poderia fazer nada e entrou na sala ao lado, não mais retornando.

Anderson se lembrou de um amigo de infância que ajudava todo mundo no bairro. Era só pedir. Diziam que ele estava

envolvido com crimes. Mas, a essa altura, se ajudasse a mãe... Quem sabe? Não custava tentar.

Deixou a mãe no pronto atendimento sob os cuidados de outra pessoa que também acompanhava um enfermo e foi ver o amigo. Em menos de uma hora, voltou acompanhado de dois outros rapazes mais ou menos de sua idade. Eles colocaram dona Iracema em um carro e a levaram para outro hospital, dessa vez, com atendimento particular. Era o apêndice. Ela foi atendida, passou por uma cirurgia e logo depois já estava em casa se recuperando.

O amigo, benfeitor do bairro, disse a Anderson: Fica tranquilo camarada. A gente tá aqui pra isso mesmo. Um ajuda o outro. Quando eu precisar, você retribui.

A sequência nós podemos imaginar, não é?

Agora, vamos lá ao primeiro parágrafo verificar, novamente, o significado de bem e mal.

E aí? Vamos continuar parados ou vamos começar a exigir políticas públicas sérias por parte de nossos governantes?

30 – Desafios do voluntariado no Século XXI: o homem novo para um mundo novo

Todos nós queremos viver em um mundo melhor e raramente nos damos conta que o mundo melhor existirá a partir do surgimento de um Homem melhor. Um Novo Homem.

Esse homem novo, melhor do que somos hoje, surgirá de nossa própria construção. É o que lemos em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no capítulo XXV, item 3: “...Procura e acharás, trabalha e produzirás; dessa maneira, serás o filho das tuas obras”.

Ainda no mesmo capítulo e item, o trecho que antecede o ensinamento citado: “Se Deus houvesse isentado o homem do trabalho do corpo, seus membros estariam atrofiados; se o houvesse isentado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal”.

Nessa passagem, fica evidente a necessidade da prática do esforço físico e intelectual para o aprimoramento do homem, que será sempre o resultado daquilo que tiver realizado em prol de si mesmo.

Se tivermos dúvida sobre essas afirmações, basta deixarmos de exercitar a caminhada, por exemplo, e veremos que logo nos faltará fôlego para uma simples atividade. Ou deixar de lado a leitura, ou as equações algébricas, para sentir dificuldades até em memorizar datas ou números de telefones.

Os bons resultados, tanto no campo físico quanto no campo mental, dependem de constante exercício. É a exigência da prática diária.

Assim também o é para nos tornarmos homens melhores.

Exigem-se para isso as boas práticas morais. A devoção altruísta. A entrega de si mesmo.

Paulo, ao abordar a necessária prática da caridade em um dos textos mais esplendorosos de sua carta aos Coríntios, relatada no capítulo XV, item 6, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, nos diz que: “... e quando eu tivesse o dom de

profecia, penetrasse todos os mistérios, e tivesse uma perfeita ciência de todas as coisas, se não tivesse caridade eu nada seria”.

Que maravilhosa explanação do Apóstolo dos Gentios! Mesmo que já houvésssemos atingido o ápice do desenvolvimento intelectual – e tivesse uma perfeita ciência de todas as coisas –, que vai muito além do físico, nós ainda nada seríamos, porque permaneceríamos incompletos. O ser moral, esse para o qual o Evangelho de Jesus nos orienta continuamente, ainda não existiria.

Paulo ainda nos confirma a necessidade dessa prática diária para o fortalecimento dessa importante parte de nós mesmos, que nos complementarás em direção à construção do homem novo, o ser completo, desenvolvido física, intelectual e moralmente.

31 – Desafios do voluntariado no Século XXI: satisfação e ética

Há, sem dúvida, uma grande satisfação por parte daquele que se presta ao serviço voluntário. Seja ele educacional ou assistencial, não há coisa mais gratificante do que o sorriso de alguém que teve uma necessidade atendida. O acompanhante do enfermo que recebe, no hospital, um lanche para amenizar a fome e uma muda de roupas para se trocar depois de um banho, ou a criança que durante vários meses vimos se desenvolvendo na evangelização, sorridente, apresentando aquela peça ou o coral no final de ano... Como se diz, isso não tem preço.

Durante esses anos à frente da evangelização infantil, pude presenciar muitos exemplos de irmãos que chegaram dispostos a ajudar os carentes. Só depois de algum tempo na seara do Mestre é que se dão conta de que o maior beneficiado são eles próprios. Eu mesmo não escapei a isso. Inicialmente, convidado por um amigo a conhecer o serviço voluntário desenvolvido em um bairro carente da cidade, fiquei impressionado e compadecido com o sofrimento dos voluntários que, em pequeno grupo, atendiam cerca de duzentas crianças todos os domingos. Fiquei na intenção de ajudá-los. Após alguns meses e, com o coração já menos endurecido, percebi o sofrimento de muitos daqueles pequenos irmãos que ali eram atendidos. Só depois de alguns anos e com o coração realmente aberto, percebi que aquele que mais tinha sido beneficiado era eu mesmo, porque, afinal de contas, era quem mais precisava ser atendido.

Porém, com o passar do tempo, parece-nos que em alguns casos o coração volta a enrijecer. É quando alguns companheiros parecem se esquecer de que o trabalho voluntário é aquele feito com Jesus e não somente em nome de Jesus. O Mestre está conosco o tempo todo, nos acompanhando e orientando. Portanto, precisamos estar

atentos às suas palavras, aquelas mesmas expressas no Evangelho.

Por isso, para que não haja dúvidas sobre a boa intenção das pessoas, é necessário que o voluntário saiba que há um código de ética a ser seguido: o voluntário serve à causa, e não se serve da causa. Ou seja, em primeiro lugar, os assistidos.

Infelizmente, há situações em que essa premissa não é respeitada. Lembrem-se daquele caso mostrado na TV, durante a assistência aos desabrigados da chuva em Santa Catarina? Apareceram cenas de voluntários separando para si peças de roupas que eram destinadas às vítimas. Interessante notar que não se tratava de bandidos, como muitos disseram na época. Eram pessoas comuns que acreditavam que teriam direito àquelas peças porque estavam ajudando.

Não precisamos ir longe. Em muitos bazares da pechincha que organizamos, observamos esse tipo de comportamento. E, mesmo que o voluntário se proponha a pagar pelas peças, o objetivo é atender os carentes. Seria o caso de esse irmão se cadastrar como assistido e não como voluntário?

Cabe, muitas vezes, ao coordenador das atividades, de maneira caridosa, chamar a atenção desses irmãos para a falha que estão cometendo e, assim, possam obter um maior proveito do trabalho que estão desenvolvendo.

32 – Desafios do voluntariado no Século XXI: comece pela família

Frequentemente encontramos irmãos em pleno exercício do trabalho voluntário que nos afirmam passar muito tempo na ação, porque não suportam ficar em casa. Os familiares lhes são um peso.

Trabalham visitando doentes nos hospitais, servem a sopa aos necessitados, cuidam da limpeza da casa espírita, realizam atendimento fraterno, dentre muitas outras tarefas.

Observando nosso próprio comportamento, bem como o de nossos companheiros, a nos servirem de preciosas lições, temos concluído que, ao realizarmos o trabalho junto às comunidades, não somos de fato completamente responsáveis. Pois “o doente, o faminto, o problemático não são nossos”. Podemos nos livrar deles, tão logo se tornem um fardo pesado.

Como sabemos que em breves minutos estaremos livres de sua presença, suportamos às vezes a ingratidão e a falta de educação, com um sorriso no rosto e a maior paciência.

Fato é que, mesmo no decorrer de anos ou décadas, acabamos por vezes não aplicando as valiosas lições do trabalho voluntário em nossa vida pessoal. Assim, não levamos esse comportamento para dentro do núcleo familiar. Não exemplificamos.

Em casa, ao menor sinal de contrariedade, nos revelamos. Não somos capazes de servir com generosidade um prato de sopa ao cônjuge adoecido. De preparar um lanche, sem reclamar, para o filho que trabalhou o dia todo, foi direto para a Universidade e chegou tarde da noite faminto. Ao contrário, reclamamos! Contudo, a eles estamos ligados por laços de família, com quem podemos ser nós mesmos, pois eles nos são íntimos e a separação seria difícil, dolorosa e constituiria uma atitude extrema. Sendo assim, dessa relação não há como fugir.

Escolhemos, então, exercitar a benevolência fora de casa por meio de trabalhos voluntários.

Em casa, somos responsáveis. Não há como fugir.

Ainda por vezes, nos perguntamos: por que, depois de tanto tempo na doutrina espírita, não conseguimos que nenhum dos parentes próximos nos seguisse?

Não são loucos! Olham-nos e não encontram nada de bom. Se essa é a ideia que passamos, não poderemos esperar que nos sigam.

Ainda corremos o risco de ouvir: “Antes ele era somente chato. Agora também é arrogante”. Portanto, sejamos voluntários! Começemos pela família.

Fim